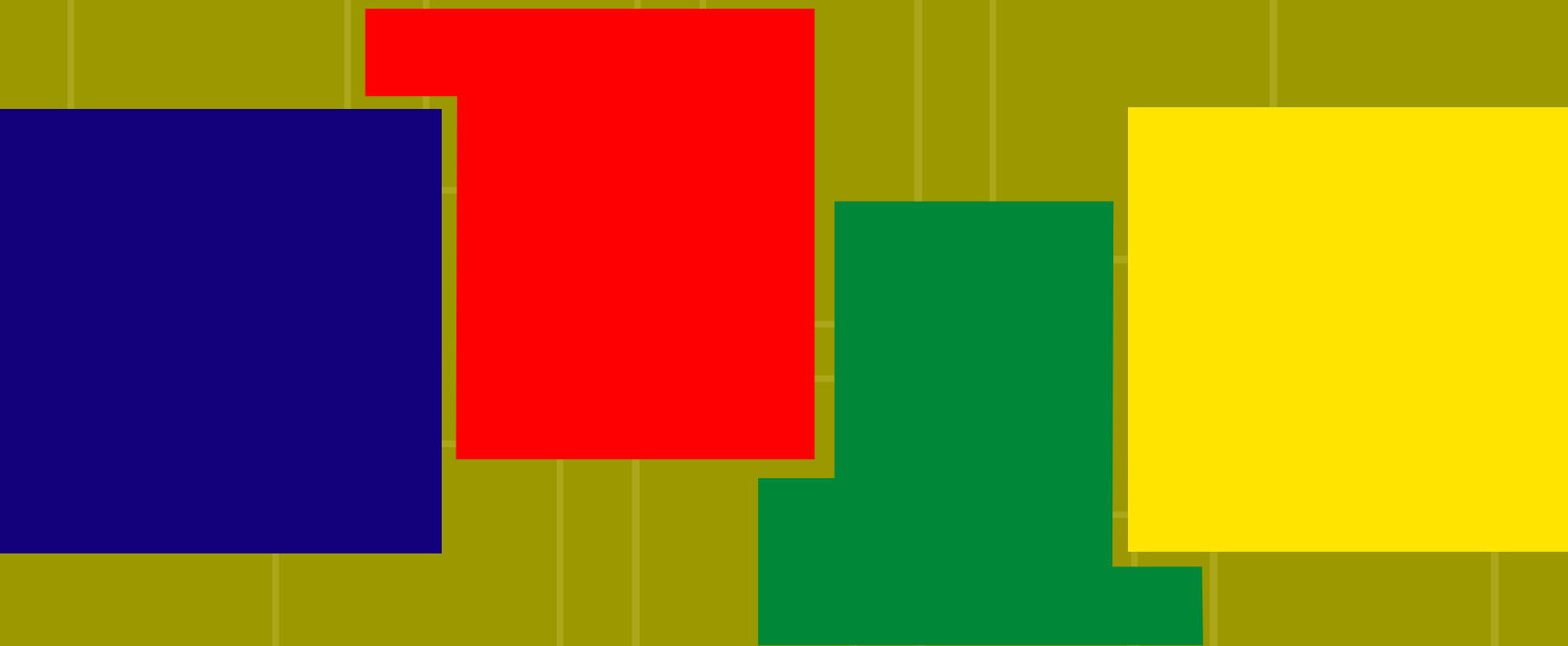


# Crianças no Narcotráfico

## Um Diagnóstico Rápido



MINISTÉRIO  
DO TRABALHO  
E EMPREGO



OFICINA  
INTERNACIONAL  
DEL TRABAJO  
*Brasília*

# Crianças no Narcotráfico

## Um Diagnóstico Rápido

Jailson de Souza  
e Silva  
André Urani

MINISTÉRIO  
DO TRABALHO  
E EMPREGO

*OFICINA  
INTERNACIONAL  
DEL TRABAJO  
Brasília*

Copyright © Organização Internacional do Trabalho, 2002

As publicações da *Oficina Internacional del Trabajo* gozam da proteção dos direitos autorais sob o Protocolo 2 da Convenção Universal do Direito do Autor. Breves extratos dessas publicações podem, entretanto, ser reproduzidas sem autorização, desde que mencionada a fonte. Para obter os direitos de reprodução ou de tradução, as solicitações devem ser dirigidas ao Serviço de Publicações (Direitos do autor e Licenças), *International Labour Office*, CH-1211 Geneva 22, Switzerland. Os pedidos serão bem vindos.

Organização Internacional do Trabalho.

Crianças no narcotráfico: um diagnóstico rápido / Jaílson de Souza e Silva ; André Urani (coordenadores) ; Organização Internacional do Trabalho ; Ministério do Trabalho e Emprego. - Brasília : OIT.

108 p.

Pesquisa realizada no Estado do Rio de Janeiro.

Tradução de: Brasil : children in drug trafficking : a rapid assessment.

ISBN 92-2-812977-8

I. SILVA, Jaílson de Souza e. II. URANI, André. III. Ministério do Trabalho e Emprego. VI. Título. 1. Trabalho infantil. 2. Convenção 182. 3. Recomendação 190. 4. Drogas. 5. Drogas - tráfico. 6. Tráfico de drogas. 5. Crianças, Crianças - tráfico de drogas. 6. Criança no narcotráfico. 7. Narcotráfico. 8. Rio de Janeiro. 9. Brasil. 10. Jovens. 11. Jovens - desemprego. 12. Mercado de trabalho.

As designações empregadas nas publicações da OIT, segundo a praxe adotada pelas Nações Unidas, e a apresentação de matéria nelas incluídas não significam, da parte da Organização Internacional do Trabalho, qualquer juízo com referência à situação jurídica de qualquer país ou território citado ou de suas autoridades, ou à delimitação de suas fronteiras.

A responsabilidade por opiniões expressas em artigos assinados, estudos e outras contribuições recai exclusivamente sobre seus autores, e sua publicação não significa endosso da OIT às opiniões ali constantes.

Referências a firmas e produtos comerciais e a processos não implicam qualquer aprovação pela *Oficina Internacional del Trabajo*, e o fato de não se mencionar uma firma em particular, produto comercial ou processo não significa qualquer desaprovação.

As publicações da OIT podem ser obtidas no Escritório para o Brasil: Setor de Embaixadas Norte, Lote 35, Brasília - DF, 70800-400, tel.: (61) 426-0100, ou no *International Labour Office*, CH 1211. Geneva 22, Switzerland. Catálogos ou listas de novas publicações estão disponíveis gratuitamente nos endereços acima, ou por e-mail: [brasil@oitbrasil.org.br](mailto:brasil@oitbrasil.org.br)  
Visite nossa página na Internet: [www.oit.org/brasil](http://www.oit.org/brasil)

Impresso no Brasil

## Sumário

Prefácio da edição em português .....	11
Prefácio da edição em inglês .....	13
Agradecimentos .....	15
Equipe de Pesquisa .....	16
Estrutura do trabalho .....	17
Resumo executivo .....	18
<b>Capítulo 1: Contexto</b> .....	21
1.1 Cidade do Rio de Janeiro: perfil educacional e econômico .....	21
1.2 O mercado de trabalho para crianças e jovens maiores de 18 anos no Rio de Janeiro .....	25
1.3 Revisão da literatura sobre o trabalho infantil e o narcotráfico .....	31
<b>Capítulo 2: Metodologia</b> .....	39
<b>Capítulo 3: Crianças envolvidas no narcotráfico</b> .....	41
3.1 Dados sobre crianças que cometeram crimes e contravenções .....	41
3.2 Perfil de crianças envolvidas no narcotráfico.....	44
3.3 Dinâmica da vida de crianças no narcotráfico.....	52
3.4 Motivos que levaram as crianças ao narcotráfico.....	57
3.5 Razões que evitam que as crianças entrem no narcotráfico.....	62
3.6 Fatores responsáveis pela contratação de crianças no narcotráfico.....	64
3.7 Razões pelas quais as crianças permanecem no narcotráfico.....	67

3.8 Vantagens comparativas no narcotráfico.....	68
3.9 Principais receios no narcotráfico.....	69
3.10 Razões que poderiam ajudar as crianças a abandonar o narcotráfico.....	69
<b>Capítulo 4: Conclusões e recomendações de políticas.....</b>	<b>73</b>
4.1 Descrição do <i>workshop</i> .....	73
4.2 Sistematização das recomendações de políticas .....	77
<b>Referências.....</b>	<b>78</b>
Anexo 1: Entrevista com famílias de crianças que trabalham no narcotráfico.....	79
Anexo 2: Entrevista com crianças que trabalham no narcotráfico .....	89
Anexo 3: Entrevista com profissionais, residentes e lideranças das comunidades populares.....	104

## ÍNDICE DAS FIGURAS E TABELAS

1.1. Cidade do Rio de Janeiro: perfil educacional e econômico	
Figura 1: População da cidade do Rio de Janeiro.....	21
Figura 2: População da área metropolitana do Rio de Janeiro.....	22
Figura 3: Força de trabalho da área metropolitana do Rio de Janeiro.....	22
Figura 4: População adulta da área metropolitana do Rio de Janeiro por anos de escolaridade.....	23
Figura 5: Ocupação na área metropolitana do Rio de Janeiro.....	24
1.2. O mercado de trabalho para crianças e jovens maiores de 18 anos no Rio de Janeiro	

Figura 6. Índices de participação das áreas metropolitanas no Brasil.....	26
Figura 7: Índices de participação no Rio de Janeiro.....	27
Figura 8: Emprego geral no Rio de Janeiro.....	27
Figura 9: Taxas de desemprego no Rio de Janeiro.....	28
Figura 10: Taxas de desemprego no Rio de Janeiro.....	28
Figura 11: Taxas de desemprego no Rio de Janeiro.....	29
Figura 12: Renda média do empregado.....	30
3.1. Dados sobre crianças que cometeram crimes ou contravenções	
Tabela 1: Idade.....	41
Tabela 2: Anos de escolaridade.....	42
Tabela 3: Estatísticas por idade.....	43
Tabela 4: Crimes e contravenções registradas por idade.....	43
3.2. Perfil das crianças envolvidas nos esquemas de narcotráfico	
Tabela 5: Idade.....	44
Tabela 6: Idade de ingresso no narcotráfico.....	45
Tabela 7: Cor da pele.....	46
Tabela 8: População brasileira por cor de pele.....	47
Tabela 9: Renda dos pais, em salários mínimos (SM) mensais.....	48
Tabela 10: Indicadores sócioeconômicos de famílias no Rio de Janeiro.....	48
Tabela 11: Anos de escolaridade.....	49
Tabela 12: Idade de saída da escola.....	50
Tabela 13: Religião.....	51
3.3. Dinâmica da vida de crianças no narcotráfico	
Tabela 14: Principais amizades.....	52
Tabela 15: Uso de drogas.....	55

Tabela 16: Ocupação, carga horária (CH) semanal e renda (valores em R\$).....	56
3.4. Razões que levaram as crianças para o narcotráfico	
Tabela 17: Razões das crianças se envolverem no narcotráfico.....	58
Tabela 18: Jovens maiores de 18 anos (trabalhadores maiores de 18 anos) se envolveram no narcotráfico.....	58
Tabela 19: Membros da família de crianças envolvidas.....	59
Tabela 20: Trabalhadores e membros comunitários.....	59
Tabela 21: Técnicos de Instituições Judiciárias.....	59
Tabela 22: Crianças e jovens maiores de 18 anos que usam drogas.....	60
Tabela 23: Crianças viciadas em drogas e que vivem em favelas.....	60
Tabela 24: Polícia.....	60
3.5. Razões que evitam as crianças de entrarem no narcotráfico	
Tabela 25: Famílias de crianças empregadas no narcotráfico.....	62
Tabela 26: Trabalhadores e membros comunitários.....	62
Tabela 27: Técnicos de Instituições Judiciárias.....	62
Tabela 28: Crianças que usam drogas.....	63
Tabela 29: Jovens maiores de 18 anos que não usam drogas.....	63
Tabela 30: Polícia.....	63
3.6. Razões pelas quais as crianças ingressam no narcotráfico	
Tabela 31: Jovens maiores de 18 anos envolvidos no narcotráfico.....	64
Tabela 32: Membros da família .....	64
Tabela 33: Trabalhadores e membros comunitários.....	64
Tabela 34: Técnicos de Instituições Judiciárias.....	65

Tabela 35: Crianças que não usam drogas.....	65
Tabela 36: Crianças que usam drogas.....	65
Tabela 37: Polícia.....	65
3.7. Razões pelas quais as crianças permanecem no narcotráfico	
Tabela 38: Crianças empregadas no narcotráfico.....	67
3.8. Vantagens comparativas no narcotráfico	
Tabela 39: Crianças e jovens maiores de 18 anos.....	68
3.9. Principais receios no narcotráfico	
Tabela 40: Crianças.....	69
3.10. Razões que poderiam ajudar as crianças a deixarem o narcotráfico	
Tabela 41: Crianças.....	69
Tabela 42: Jovens maiores de 18 anos envolvidos no narcotráfico.....	70
Tabela 43. Membros da família.....	70
Tabela 44: Trabalhadores e membros comunitários.....	70
Tabela 45: Técnicos de Instituições Judiciárias.....	70
Tabela 46: Polícia.....	71
Tabela 47: Crianças viciadas em drogas.....	71
Tabela 48: Crianças e jovens maiores de 18 anos não usuárias de drogas.....	71



# 10



Crianças no Narcotráfico, um Diagnóstico Rápido

## Prefácio da edição em português

Com a ratificação da Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho - OIT, o Brasil assumiu o compromisso de envidar esforços permanentes visando à erradicação imediata das piores formas de trabalho infantil. A alínea c do art. 3º da Convenção define a utilização de crianças em atividades ilícitas, particularmente na produção e no tráfico de drogas, como uma das piores formas.

É notória a dificuldade existente para a obtenção de informações e dados relativos às atividades ilícitas. Dificuldades estas ainda maiores no universo do tráfico de drogas, dominado por facções criminosas organizadas e capazes de gerar enorme temor em nossa população.

Nesse contexto, merece aplauso a iniciativa da OIT de realizar no Brasil, bem como em outros 18 países, diagnósticos que retratem a realidade existente nas piores formas de trabalho infantil. “Crianças no Narcotráfico - Um Diagnóstico Rápido” é um trabalho acurado que aborda a situação de crianças envolvidas no narcotráfico dentro da região metropolitana do Rio de Janeiro. Em seu conteúdo, encontramos uma investigação incisiva que busca desde as razões que levam as crianças ao tráfico até aquelas que poderiam ajudá-las a abandoná-lo em definitivo.

Este trabalho merece o status de referência, haja vista que se trata de uma das primeiras e mais completas pesquisas já realizadas sobre o tema. Será amplamente divulgado e distribuído, especialmente entre a Fiscalização do Trabalho, para que possa ser ampliado o conhecimento sobre a realidade do envolvimento de crianças na produção e no tráfico de drogas e propiciadas melhores condições de definir, juntamente com todos os parceiros, estratégias eficazes de intervenção.

**Vera Olímpia Gonçalves**

Secretária de Inspeção do Trabalho

Ministério do Trabalho e Emprego



## Prefácio da edição em inglês

Formas inaceitáveis de exploração do trabalho infantil existem e persistem, mas são particularmente difíceis de serem investigadas devido à sua natureza escondida, por vezes ilegal ou até mesmo criminosa. Escravidão, servidão por dívidas, tráfico, exploração sexual, uso de crianças no comércio de drogas e em conflitos armados, bem como o trabalho perigoso, são definidos como as piores formas de trabalho infantil. A promoção da Convenção (nº 182) referente à proibição e ação imediata para a erradicação das Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999, é uma alta prioridade para a Organização Internacional do Trabalho (OIT). A Recomendação (nº 190, parágrafo 5), acompanhando a Convenção, declara que “informações detalhadas e dados estatísticos sobre a natureza e dimensão do trabalho infantil devem ser compilados e atualizados para servirem de base para a determinação das prioridades para ação nacional para a abolição do trabalho infantil, em particular para a proibição e erradicação de suas piores formas, de forma urgente”. Embora haja um corpo de conhecimento, dados e documentação sobre trabalho infantil, existem também algumas lacunas consideráveis ao entendimento das diversas formas e condições nas quais as crianças trabalham. Isto é especialmente verdadeiro no que se refere às piores formas de trabalho infantil, as quais, por sua natureza, são freqüentemente escondidas da vista e do escrutínio públicos.

Com base no acima exposto, a OIT, por meio do IPEC/SIMPOC (International Programme on the Elimination of Child Labour/Statistical Information and Monitoring Programme on Child Labour), realizou 38 diagnósticos rápidos das piores formas de trabalho infantil em 19 países e uma área fronteiriça. As investigações foram feitas utilizando-se uma nova metodologia de diagnóstico rápido sobre trabalho infantil, elaborada conjuntamente pela OIT e UNICEF<sup>1</sup>. O programa foi custeado pelo Departamento de Trabalho dos Estados Unidos.

As investigações sobre as piores formas de trabalho infantil exploraram áreas muito sensíveis, incluindo atividades ilegais, criminosas e imorais. As formas de trabalho infantil e os locais da pesquisa foram cuidadosamente escolhidos pelo pessoal do IPEC em consulta aos seus parceiros. As investigações de diagnóstico rápido se concentraram nas seguintes categorias das piores formas de trabalho infantil: crianças em regime de cárcere; trabalhadores infantis domésticos; soldados infantis; crianças traficantes

---

<sup>1</sup> Investigando o Trabalho Infantil: Diretrizes para Investigação Rápida – Um Manual de Campo, janeiro de 2000, uma minuta a ser finalizada após os testes de campo, <http://www.ilo.org/public/english/standards/ipec/simpoc/guides/index.htm>

do; narcotráfico; trabalho perigoso na agricultura comercial, pesca, aterros sanitários, mineração e ambiente rural; exploração sexual e trabalhadores infantis na rua.

Aos parceiros e colegas do IPEC que contribuíram, com seu esforço individual e coletivo, para a realização deste relatório, gostaria de expressar nossa gratidão. A responsabilidade pelas opiniões expressas nesta publicação é exclusiva dos autores e não implica o endosso da OIT.

Estou certo de que as valiosas informações contidas nesta série de relatórios sobre a situação das crianças envolvidas nas piores formas de trabalho infantil no mundo contribuirão para um entendimento mais profundo e permitirão que nos concentremos mais claramente nos desafios que teremos pela frente. E, mais importante, esperamos que os estudos orientem os elaboradores de políticas e os líderes comunitários e que os profissionais ataquem o problema na sua base.

**Frans Röselaers**

Diretor

International Programme on the Elimination of Child Labor (IPEC)

International Labour Office

## Agradecimentos

Um projeto de pesquisa sobre narcotráfico exige a formação de uma equipe de pesquisa experiente, o estabelecimento de negociações em diversos níveis com os diferentes atores que cuidam do assunto e a manutenção de uma atitude coerente e transparente com os grupos entrevistados. Por esses motivos, queremos agradecer a diversas pessoas e entidades que tornaram esta pesquisa possível:

- A equipe de pesquisa do IETS, por sua dedicação, seriedade e competência.
- A OIT/IPEC, pelo financiamento do projeto e por suas sugestões que ajudaram a melhorar o estudo; em especial da OIT/IPEC Brasil.
- A 2ª Vara da Infância e Juventude e a DEGASE, que nos atenderam com muita atenção e respeito, e onde colhemos as informações fundamentais à elaboração do trabalho.
- Elizabeth Leeds, da Ford Foundation; Ignácio Cano, do ISER/UERJ; Rubem César, da Viva Rio; Leonarda Musumeci, do CESE/UFRJ e todos os outros que participaram do *workshop* e deram contribuições valiosas sobre o assunto em questão.
- Os entrevistados, que acreditaram em nosso trabalho e a quem esta pesquisa busca ajudar, via o enfrentamento do sistema social desigual que alimenta o narcotráfico.

Dr. Jailson de Souza e Silva

Dr. André Urani

## Equipe de Pesquisa

### Coordenadores do Projeto

Dr. Jailson de Souza e Silva

Dr. André Urani

### Pesquisadores:

Dr. Jorge Luiz Barbosa

Adriana Fontes

Anita Oliveira

Elionalva Silva

Elsa Sousa

Fernando Lannes

Isabel Farah Schwartzman

Leticia Albuquerque

## Estrutura do Trabalho

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), por meio do Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) e o Programa de Informações Estatísticas e Acompanhamento do Trabalho Infantil (SIMPOC), assumiu um compromisso para a erradicação das piores formas de trabalho infantil. No que foi considerado como um dos maiores sucessos do IPEC, a Convenção das Piores Formas de Trabalho Infantil (nº 182), juntamente com a Recomendação 190, foi unanimemente adotada pela Conferência da OIT em junho de 1999. Até o final de janeiro de 2002, 115 países haviam ratificado a Convenção. A determinação da Convenção é clara. Exige que os países ratificadores “tomem medidas imediatas e eficazes para garantir a proibição e erradicação das piores formas de trabalho infantil como questão urgente”. A Recomendação 190 declara que “informações detalhadas e dados estatísticos sobre a natureza e extensão do trabalho infantil deveriam ser compilados e atualizados para servir de base para o estabelecimento de prioridades da ação nacional com vista à abolição do trabalho infantil, em particular, à proibição e eliminação de suas piores formas em caráter de urgência.” Frente a este cenário, a OIT, por meio da IPEC/SIMPOC realizou 38 diagnósticos rápidos das piores formas de trabalho infantil em 19 países e uma área fronteiriça. Essas investigações foram feitas por meio da aplicação da metodologia de diagnóstico rápido preparada conjuntamente pela OIT/UNICEF. Os objetivos gerais do programa são que (i) informações quantitativas e qualitativas relacionadas às piores formas de trabalho infantil nas 38 investigações selecionadas sejam produzidas e colocadas à disposição do público; (ii) magnitude, caráter, causas e conseqüências sejam claramente descritas; e (iii) o corpo das metodologias – especialmente a metodologia de diagnóstico rápido da OIT/UNICEF sobre o trabalho infantil – para investigação das piores formas de trabalho infantil sejam validadas e desenvolvidas. Os diagnósticos rápidos são singularmente adequados para alcançar estes objetivos e equilibrar a precisão estatística com análise qualitativa. Os diagnósticos rápidos proporcionam aos elaboradores de políticas *insights* na magnitude, caráter, causas e conseqüências das piores formas de trabalho infantil, rapidamente e a custo baixo. Esses *insights* podem ser então usados para determinar os objetivos estratégicos para a erradicação das piores formas de trabalho infantil em cada país ou região, para projetar e visar os pacotes de políticas e para implementar, acompanhar e avaliar programas.



## Resumo executivo

### Introdução

O assunto central deste diagnóstico rápido das Piores Formas de Trabalho Infantil (PFTI) é o envolvimento de crianças<sup>2</sup> na atividade de narcotráfico, em favelas no Rio de Janeiro. Este estudo busca estabelecer as variáveis que melhor expliquem por que as crianças ingressam e participam desta linha de atividade. O projeto foi encomendado ao Instituto de Estudos Trabalho e Sociedade - IETS, uma ONG brasileira reconhecida como organização de interesse público pelo Ministério da Justiça do Brasil. O IETS forma uma rede de pesquisadores de um conjunto diversificado das principais instituições acadêmicas e de pesquisa do Rio de Janeiro e visa gerar e induzir a geração de informações relevantes para a investigação da pobreza e da desigualdade e acompanhar, avaliar e propor atividades no campo da política pública buscando sua redução.

O atual projeto compilou e organizou dados referentes aos padrões de vida das crianças que trabalham em esquemas de narcotráfico em diversas favelas no Rio de Janeiro. Um *workshop* reunindo pesquisadores, pessoas ativas e interessadas na área e representantes de organizações que trabalham em áreas de baixa renda foi também uma parte importante do projeto. Isso possibilitou a troca de conhecimentos e a produção de novas propostas de políticas públicas que podem melhorar as circunstâncias.

### Conteúdo

Este documento começa com uma apresentação de alguns dados sócioeconômicos do Rio de Janeiro, estabelecendo o pano de fundo e o contexto no qual as crianças vivem. A seguir, apresenta uma síntese do mercado de trabalho específico para crianças e jovens maiores de 18 na região metropolitana do Rio de Janeiro, com destaque particular nos indicadores de 52 favelas. A introdução geral ao tema é

---

<sup>2</sup> Neste projeto, todos os indivíduos até 18 anos de idade por ocasião das entrevistas são considerados crianças. Isto está de acordo com a Convenção da OIT sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (Nº 182) que declara que “o termo criança deverá aplicar-se a todas as pessoas com menos de 18 anos.”

finalizada por uma revisão resumida da literatura sobre criminalidade juvenil e narcotráfico. O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada no projeto.

Em seu corpo principal, o documento apresenta algumas tabelas que organizam parte dos dados pesquisados no projeto. Primeiramente, são expostas as tabelas de crimes e contravenções cometidos por crianças e adolescentes no Rio de Janeiro, de 1996 a 2000, fornecidas pela 2ª Vara de Infância e Juventude. A seguir, é apresentado o perfil das crianças. Finalmente, são expostos os pontos de vista de diferentes atores sobre as razões que levam as crianças, e as mantêm trabalhando, a atividades relacionadas a drogas, e sobre medidas que devem ser tomadas para evitar que as crianças se juntem à atividade ou para ajudá-las a abandonar a cena. O documento é concluído com uma breve descrição do *workshop*, uma análise final da atividade e propostas de políticas para tratarem do problema.

## Resultados

Os dados sobre infrações cometidas por crianças e adolescentes do Rio de Janeiro durante os últimos anos mostram um aumento nas contravenções cometidas pelos menores durante a década de 90, na qual o uso de drogas e o tráfico são mais expressivos. Uma redução na idade de ingresso no narcotráfico também merece destaque - a média caiu de entre 15 e 16 anos no início dos anos 90 para entre 12 e 13 anos no ano 2000.

As principais características das crianças envolvidas no narcotráfico são as seguintes:

- Pertencem às famílias mais pobres das favelas; sua escolaridade está abaixo da média brasileira - hoje em torno de 6,4 anos; a grande maioria das crianças envolvidas é negra ou parda; casam-se muito mais cedo do que a média dos adolescentes brasileiros; vivem com parceiro(a) ou com amigos; acreditam em Deus, estão se aproximando das religiões Neo-Pentecostais e se distanciando dos cultos Afro-Brasileiros.

- As crianças ingressam e permanecem nas atividades de narcotráfico de forma a adquirirem prestígio e poder, preencher emoções - “adrenalina” - e ganham dinheiro para o consumo de bens que não poderiam comprar de outra forma. Suas principais amizades são do narcotráfico e sua ligação com o grupo é um fator importante para a permanência neste tipo de atividade. Outro importante motivo de permanência é que, após um certo tempo, as crianças se tornam conhecidas dos grupos rivais e da polícia, momento em que não é mais possível deixar a rede social do narcotráfico. Os maiores receios das crianças são a prisão, a morte e a traição pelos amigos - o que as pode deixar em uma situação difícil no grupo.

- O principal desejo da maioria das crianças é comprar uma casa fora da comunidade. Ao deixarem a área, suas famílias ficarão expostas a menos risco. De acordo com as crianças, a forma mais provável de deixar o narcotráfico seria por meio do acúmulo de uma grande quantidade de dinheiro, o que permitiria que se mudassem para um outro Estado e comesçassem algum tipo de negócio. A maioria delas, entretanto, não consegue juntar muito dinheiro por não ter o hábito de economizar, sendo as extorsões praticadas pela polícia apontadas como o principal obstáculo à economia financeira.

- As opiniões dos membros das famílias das crianças envolvidas no narcotráfico, de profissionais que trabalham com o tema, de membros e líderes das favelas, de crianças e adolescentes que usam drogas e que não usam drogas e de policiais são apresentadas no projeto. As principais sugestões propostas pelos entrevistados para enfrentar o problema situam-se em uma perspectiva estrutural: investimento na educação e lazer nas favelas e geração de emprego e renda para as famílias das crianças.

O documento propõe quatro caminhos para as políticas a partir do resultado da pesquisa e do *workshop*: geração de renda e emprego para as famílias das crianças envolvidas no narcotráfico; investimento em educação e instrumentos de proteção social; realização de ações integradas em espaços populares abrangendo a geração de renda, lazer, educação, urbanização etc. e criação de medidas na área jurídica, tal como a descriminação de drogas.

## Capítulo 1: Contexto

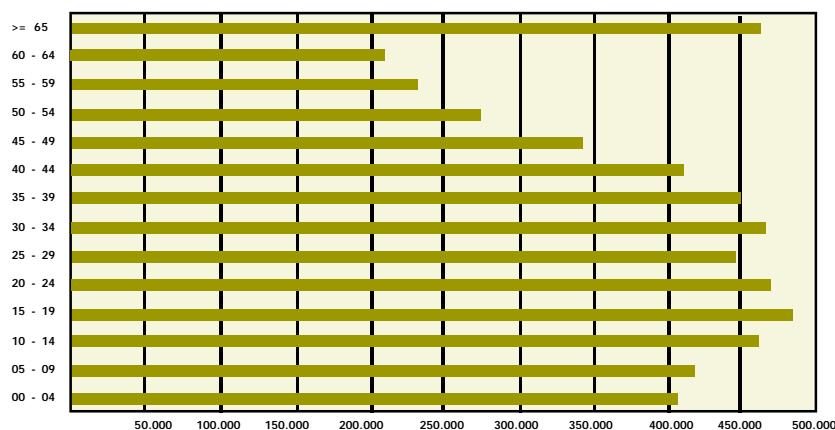
### 1.1. Cidade do Rio de Janeiro: perfil educacional e econômico

No ano de 2000, a cidade do Rio de Janeiro tinha aproximadamente 5,9 milhões de habitantes. A população da cidade respondia por 53,8% e 40,7% das populações da área metropolitana do Rio de Janeiro (AMRJ) e do Estado do Rio de Janeiro, respectivamente.

A taxa de crescimento populacional da cidade de 6,8% entre 1991 e 2000 foi a menor entre as capitais brasileiras. Um número maior de mortes de pessoas do sexo masculino, principalmente entre os jovens, contribuiu para uma relação crescente de população feminina, em torno de 53%, tornando a expectativa de vida feminina oito anos maior do que a masculina.

Vale a pena salientar o rápido processo de envelhecimento da população brasileira em geral, e especialmente a do Rio de Janeiro. Os grupos etários mais jovens da população adulta do Rio de Janeiro<sup>3</sup> estão estreitando, enquanto que os mais velhos estão aumentando. Este fato está mostrado nos próximos dois gráficos.

**Figura 1:**  
**População da cidade do Rio de Janeiro - G.E.**

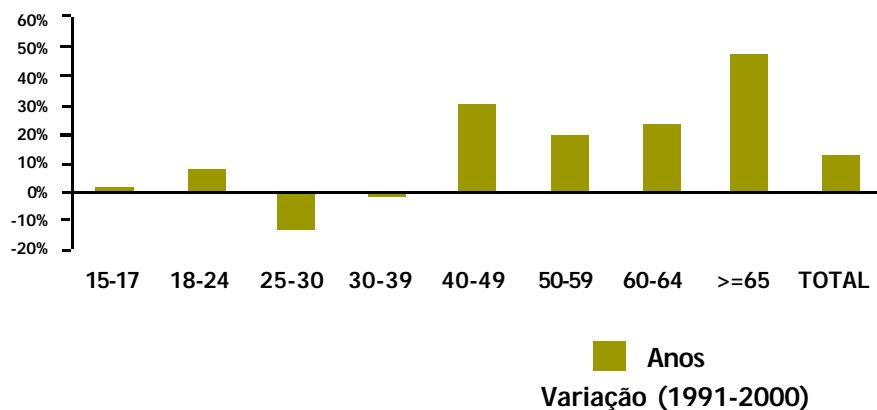


G.E. = Grupos etários  
Fonte: IBGE, 1996

<sup>3</sup> Neste caso, a população adulta é definida como a população acima de 15 anos.

## População da área metropolitana do Rio de Janeiro

Figura 2:

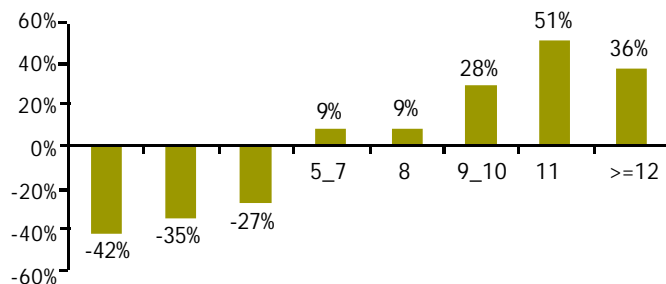


Fonte: PME/IBGE

O nível de educação da população do Rio de Janeiro, com uma média em torno de 6,5 anos de escolaridade, é o segundo maior no Brasil, atrás do Distrito Federal, com um nível de 7,4 anos. A última década foi marcada por melhorias importantes nos indicadores educacionais. Os índices de analfabetismo caíram de 8,3% em 1991 para 6,3% em 2000. Entretanto, 30% da população adulta tem menos de cinco anos de escolaridade.

Figura 3:

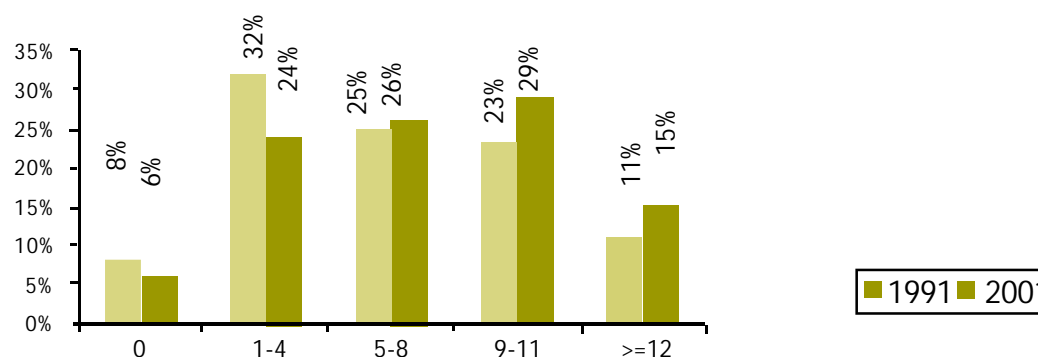
## Força de trabalho da área metropolitana do Rio de Janeiro (Variação 1991-2000)



Fonte: PME/IBGE

Os níveis educacionais estão aumentando no Rio de Janeiro e no país como um todo. Entretanto, a força de trabalho na área metropolitana ainda tem uma educação pobre: em torno de 3,4% têm menos de um ano de educação, metade concluíram até oito anos de escolaridade e apenas 20% concluíram o ensino secundário.

**Figura 4:**  
**População adulta da área metropolitana do Rio de Janeiro, por anos de escolaridade**



Fonte: PME/IBGE

Devido à sua população relativamente grande, a cidade do Rio de Janeiro influencia fortemente o mercado de trabalho da área metropolitana. Não existem fronteiras claras entre o mercado de trabalho da cidade e das outras 18 cidades que formam a RMRJ. Em torno de 54% da força de trabalho da área metropolitana vive na cidade do Rio de Janeiro, sendo que mais de 80% de seu emprego formal está localizado na cidade. Neste sentido, uma análise da área metropolitana como um todo reflete a situação do mercado de trabalho na capital do Estado.

De acordo com o levantamento mensal sobre emprego pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME/IBGE<sup>4</sup>), a força de trabalho na RMRJ está em torno de 4,5 milhões, ou aproximadamente 54% da população adulta. A área passou por um pequeno aumento da sua força de trabalho (em torno de 6,6% entre 1991 e 2000) e, também, por mudanças profundas na composição durante a última década em termos de aumento da participação feminina, educação e envelhecimento. Os dados desagregados revelam que o aumento na força de trabalho percebido na última década é o resultado de uma variação positiva na força de trabalho infantil (14%).

<sup>4</sup> PME/IBGE é uma pesquisa residencial mensal. É uma das principais fontes de informações sobre trabalho no país, pelo fato de publicar estatísticas sobre a estrutura e distribuição a população trabalhando, sobre os níveis de emprego e desemprego, por rendimentos médios, entre outros.

Quando desagregados por grupos etários, os dados apontam para uma contração da força de trabalho abaixo de 30 anos. Esta diminuição é mais notada entre os jovens, entre 15 e 17, onde atinge 39%. Por outro lado, a seção mais idosa da força de trabalho aumentou consideravelmente.

Em termos de desemprego, a região metropolitana do Rio de Janeiro apresenta o menor índice: em torno de 5,2%, enquanto que a média nacional é de 7,3%. Entretanto, dois outros aspectos do mercado de trabalho devem ser considerados: o baixo índice de participação do mercado de trabalho, que pode ser mencionado como um processo de desincentivo<sup>5</sup>, e a informalidade das relações de trabalho na região.

A ocupação formal está diminuindo na RMRJ. Hoje, os empregados formais representam apenas 41% e os servidores civis 10% da população trabalhadora. Os empregados informais constituem 17% e os autônomos já representam 27%. Especial atenção deve ser dada ao último grupo, que aumentou muito nos últimos anos. O número de autônomos aumentou 30% na última década, enquanto que os empregados informais aumentaram 15% e os empregados formais diminuíram 14%.

**Figura 5:**  
**Ocupação na área metropolitana do Rio de Janeiro**

	1991		2000		Variação		1991-2000	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Indústria	635.245	15,7	455.486	10,7	-179.759	-18,3		
Construção	311.180	7,7	279.836	6,6	-31.344	-10,1		
Comércio	573.652	14,1	627.848	14,8	54.196	9,4		
Serviços	1.619.439	39,9	1.934.728	45,5	315.289	19,5		
Administração Pública	474.339	11,7	518.147	12,2	43.809	9,2		
Outros	443.256	10,9	435.254	10,2	-8.002	-1,8		
Servidor público	323.828	8,0	434.005	10,2	110.178	34,0		
Empregado formal	2.033.694	50,1	1.740.339	40,9	-293.355	-14,4		
Empregado informal	624.061	15,4	720.571	16,9	69.510	15,5		
Autônomo	891.032	22,0	1.155.282	27,2	264.250	29,7		
Empregador	157.329	3,9	166.797	3,9	9.469	6,0		
Faltando	27.167	0,7	34.305	0,8	7.138	26,3		
<b>TOTAL</b>	<b>4.057.111</b>	<b>100,0</b>	<b>4.251.300</b>	<b>100,0</b>	<b>194.189</b>	<b>4,8</b>		

Fonte: PME/IBGE

<sup>5</sup> Pessoas que necessitam trabalhar e não estão empregadas, mas que buscam efetivamente emprego. São ignorados pelo mercado de trabalho ou por circunstâncias casuais e são considerados inativos.

Em termos de distribuição por setor, a maioria das ocupações está concentrada no setor de serviços (46%). O comércio representa 15% e a construção, 7%. O setor industrial, que estava tradicionalmente fraco na geração de empregos no Rio de Janeiro, mostrou uma diminuição constante na última década. Hoje, responde por apenas 11% da população trabalhadora. O setor público representa uma parcela importante da força de trabalho na região metropolitana, 12%.

As condições de trabalho e de renda pioraram consideravelmente quando a Pesquisa Sócioeconômica nas Favelas é observada. A maioria dos residentes dessas comunidades é de jovens (52% estão abaixo de 25 anos) e sua população adulta apresenta um índice de analfabetismo em torno de 12%. O índice de desemprego nestas comunidades é de 12,4%, bem mais alto do que a média na área metropolitana. A renda per capita média por lar gira em torno de R\$ 134<sup>6</sup> e a renda média da população trabalhadora é de R\$ 330. A última é muito abaixo da média da cidade, que fica em torno de R\$ 700.

## **1.2. O mercado de trabalho para crianças e jovens maiores de 18 anos no Rio de Janeiro**

O trabalho infantil na área metropolitana brasileira diminuiu consideravelmente durante a última década. São diversos os motivos que contribuíram para isto:

- a) a implementação de novas leis protegendo a infância desde a Constituição de 1988;
- b) as iniciativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) com os parceiros públicos, privados e da sociedade civil;
- c) o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) lançado no final dos anos 90; e
- d) a conscientização crescente da própria população de que um ingresso precoce no mercado de trabalho ocorre pela porta dos fundos, estimula a evasão escolar e limita seriamente a mobilidade profissional.

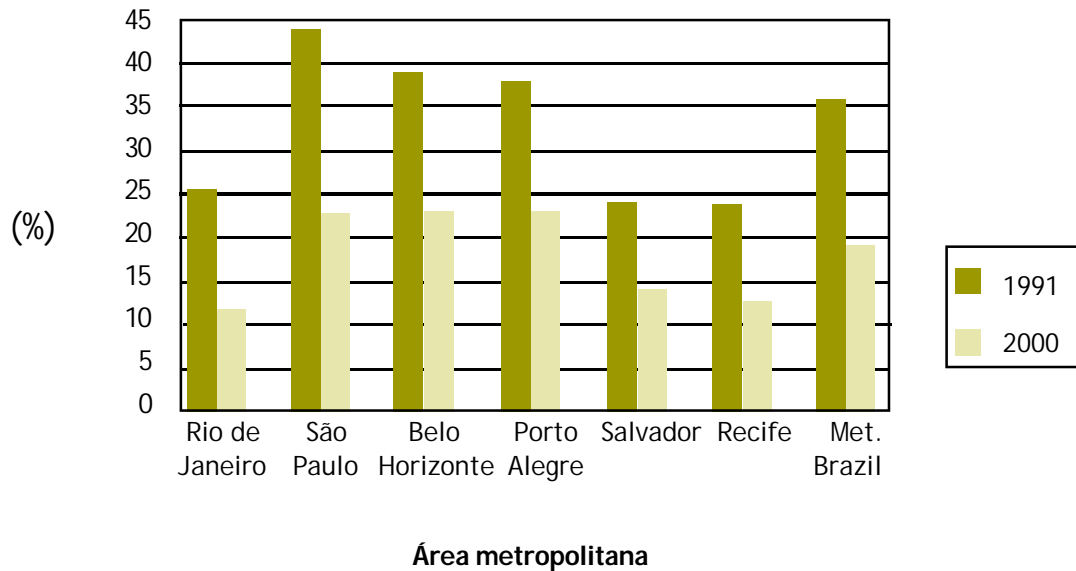
---

<sup>6</sup> US\$1 = R\$2,50:.



O Rio de Janeiro, que é conhecido mundialmente por sua população de crianças de rua, não foi apenas a área metropolitana brasileira que registrou o maior declínio no índice de participação do grupo etário entre 15 e 17 anos, mas também a que tem agora o menor índice.

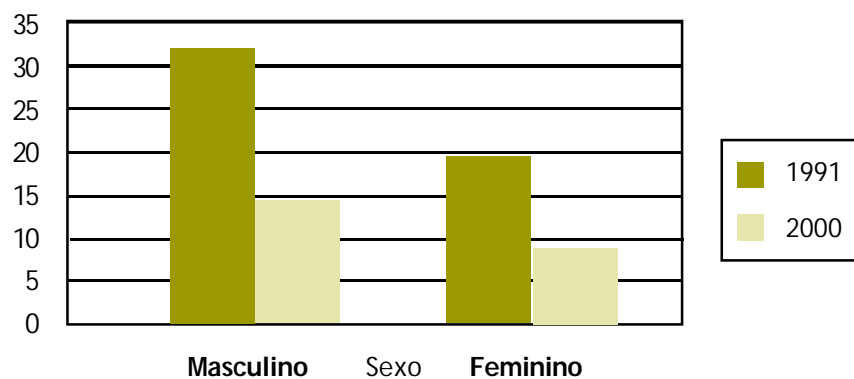
**Figura 6:**  
**Índices de participação - 15 a 17 anos de idade**



Fonte: PME/IBGE

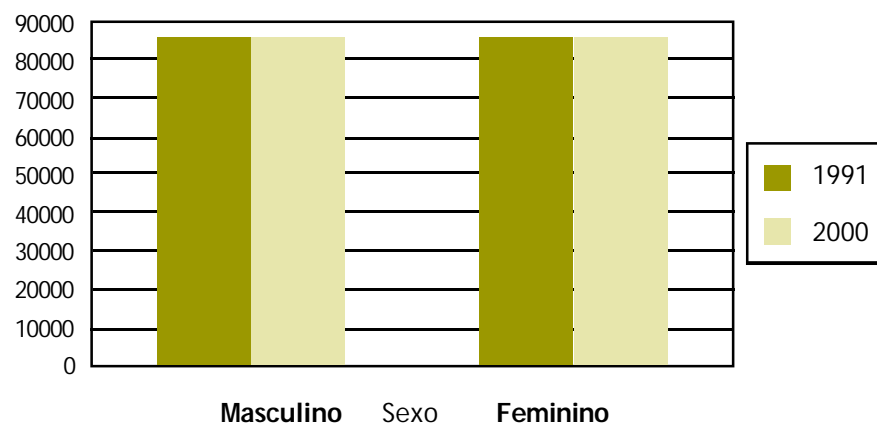
Esta diminuição foi maior para meninos do que para meninas, como é possível ver na Figura 7. Graças a esta diminuição nos índices de participação, o nível geral de emprego para este grupo etário foi cortado para a metade (Figura 8), sem impactos significativos sobre os índices de desemprego (Figura 9), e com uma forte diminuição do nível de desemprego (Figura 10).

**Figura 7:**  
**Índices de participação**  
**Área metropolitana do Rio de Janeiro - 15 a 17 anos de idade**



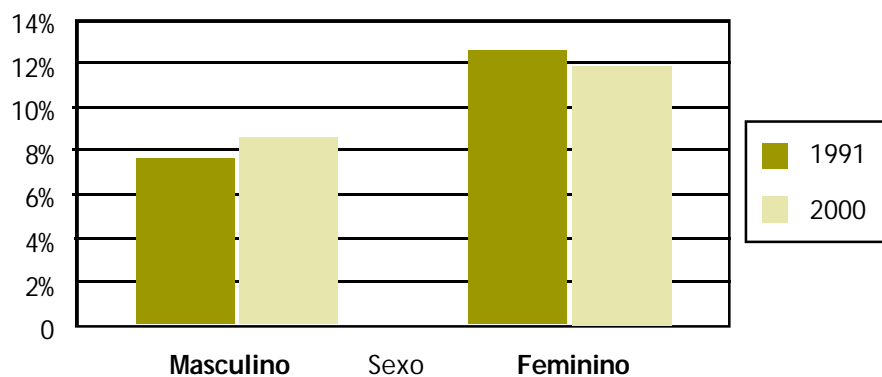
Fonte: PME/IBGE

**Figura 8:**  
**Emprego geral**  
**Área metropolitana do Rio de Janeiro - 15 a 17 anos de idade**



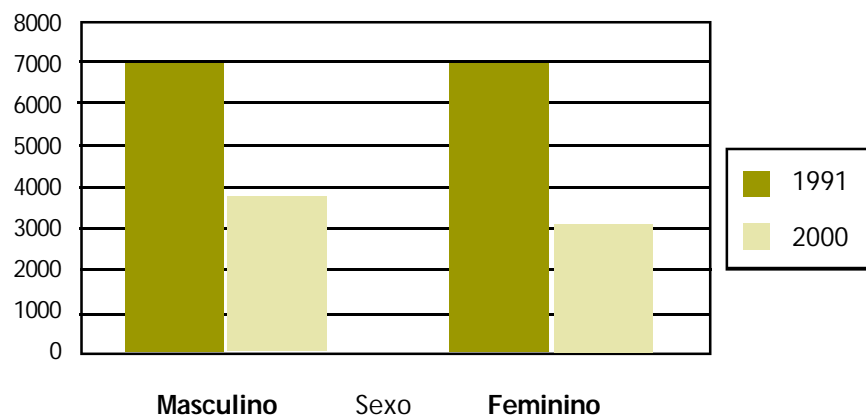
Fonte: PME/IBGE

**Figura 9:**  
**Taxas de desemprego**  
**Área metropolitana do Rio de Janeiro - 15 a 17 anos de idade**



Fonte: PME/IBGE

**Figura 10:**  
**Taxas de desemprego**  
**Área metropolitana do Rio de Janeiro - 15 a 17 anos de idade**



Fonte: PME/IBGE

Nas áreas de baixa renda, entretanto, os índices de participação do grupo etário de 15 a 17 anos permanecem muito altos: são, na média, quase o dobro do que são na área metropolitana como um todo<sup>7</sup>. Em algumas destas áreas, atingem quase 50%.

Existem basicamente três fatores que determinam o padrão destes índices de participação:

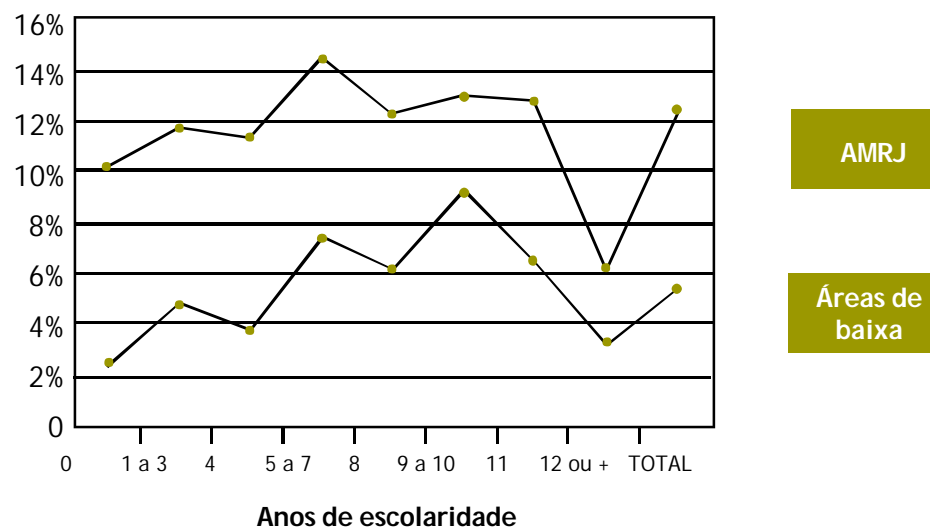
- os índices de desemprego dos chefes de família;
- a renda per capita da comunidade; e
- o número médio de anos de escolaridade da população adulta da comunidade.

Estes resultados sugerem que as políticas designadas para reduzir estruturalmente o trabalho infantil nestas comunidades devem contemplar tanto ações dirigidas para as próprias crianças como (talvez principalmente) a geração de renda de seus pais.

Nestas áreas, não apenas é a renda média consideravelmente menor do que na área metropolitana geral, mas os índices médios de escolaridade são também significativamente menores e os índices de desemprego bem maiores, para todos os níveis de escolaridade (Figura 11).

**Figura 11:**

**Taxas de Desemprego - Área metropolitana do Rio de Janeiro**

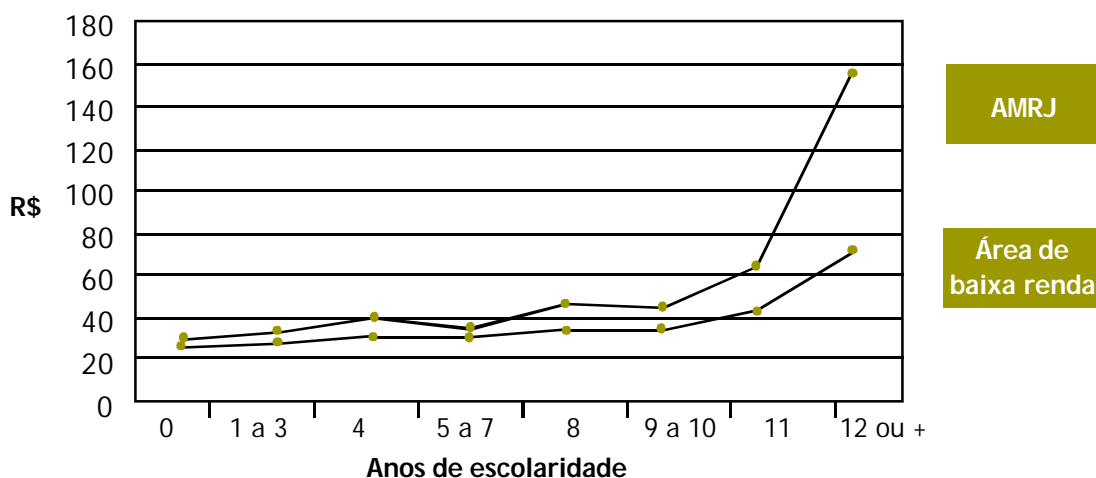


Fontes: PME/IBGE e PSECBR

<sup>7</sup> Os dados para estas áreas resultam da pesquisa Socioeconômica das Comunidades de Baixa Renda (PSECBR), uma pesquisa residencial feita de 1998 a 2000 pelo Governo da Cidade do Rio de Janeiro e pelo SCIENCE-IBGE em 52 comunidades beneficiadas por um programa de melhoria das favelas (o Favela-Bairro, co-patrocinado pelo Banco de Desenvolvimento Interamericano).

Os dados sugerem que as políticas designadas especificamente para os mais jovens não devem apenas tentar mantê-los fora do mercado de trabalho. Quarenta e oito por cento dos que não estão participando do mercado de trabalho (trabalhando ou procurando emprego) não estão freqüentando a escola, sendo uma das possíveis razões para a falta de atrativo do sistema escolar para estes jovens. A Figura 12 mostra que os retornos da escolaridade nestas comunidades são consideravelmente menores do que na área metropolitana como um todo. Por exemplo: os rendimentos médios dos que completaram 11 anos de escolaridade nas áreas de baixa renda são inferiores àqueles que alcançaram apenas oito anos de escolaridade na área metropolitana como um todo. Entre aqueles que chegaram à universidade, a renda média é inferior à metade da renda na área metropolitana como um todo.

**Figura 12:**  
**Renda média do empregado**



Fontes PME/IBGE e PSECBR

Entre outras coisas, estes resultados questionam seriamente as estratégias anti-pobreza pois são baseados unicamente no aumento do número de anos de escolaridade. Entretanto, é importante observar que nas áreas de baixa renda a proporção de meninas inativas que não participam do sistema escolar está em torno de três vezes maior do que a proporção de meninos na mesma situação; uma grande parte dessa diferença é devida à alta incidência de gravidez precoce. Na realidade, essas meninas não estão inativas de todo, mas cuidam de seus bebês. Assim mesmo, mais de 20% dos meninos não estão nem freqüentando o sistema escolar nem participando do mercado de trabalho; em outras palavras, nossos dados revelam a existência de um tipo de exército de reserva industrial para o trabalho infantil em atividades ilícitas, particularmente para o tráfico de drogas.

### 1.3. Revisão da literatura sobre o trabalho infantil e o narcotráfico

O trabalho infantil é um fenômeno global de grandes proporções. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que cerca de 250 milhões de crianças entre 5 e 14 anos são economicamente ativas em uma ou mais, pagas ou não, atividades, em todo o mundo. Algumas trabalham com suas famílias, outras fora do núcleo de suas famílias. De acordo com a OIT, o problema está principalmente concentrado nos países subdesenvolvidos.

Não existe estimativa oficial do número de crianças trabalhadoras, particularmente para aquelas entre 7 e 14 anos. A maioria das meninas está envolvida em atividades domésticas, enquanto que os meninos estão envolvidos em atividades diversas. O envolvimento das crianças no trabalho pode limitar ou proibir sua frequência escolar e expõe as crianças a condições que violam diversas resoluções da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CRC), de 1989. Neste contexto, uma resolução importante declara que as crianças têm o direito de serem “protegidas da exploração econômica ou de realizar qualquer atividade que seja perigosa ou interfira na educação da criança, ou que seja prejudicial à sua saúde ou ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social” (artigo 32).

Muitas crianças estão envolvidas nas piores formas de trabalho infantil (PFTI) e, para tratar destas circunstâncias a Convenção da OIT sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (nº 182), de 1999, exige a erradicação urgente desse tipo de trabalho. O artigo 3 (d) desta Convenção diz respeito particularmente a este estudo; define o “uso, obtenção ou oferta de uma criança para atividades ilícitas, em particular para a produção e tráfico de drogas, conforme definido nos tratados internacionais relevantes” como uma das piores formas de trabalho infantil.

As desistências da escola e a entrada das crianças no mercado de trabalho podem ser entendidas como uma consequência de fatores distintos. A pobreza, por exemplo, direciona as crianças para a busca de meios de garantir algumas de suas necessidades básicas e/ou de suas famílias. Outro fator relevante é a estrutura do mercado de trabalho, que incorpora este tipo específico de força de trabalho. Neste caso, os serviços públicos podem ter uma influência decisiva sobre as crianças que permanecem na escola ou que entram no mercado de trabalho. O acesso, a qualidade e o custo da educação, por exemplo, têm fortemente influenciado esta decisão.

O ponto principal, entretanto, é que o trabalho é uma solução para as necessidades em curto prazo, ou das atuais situações difíceis, considerando que a escola é uma alternativa para o futuro. É importante considerar que as perspectivas em longo prazo, para as famílias de baixa renda, são muito limitadas. A educação é um investimento a longo prazo, difícil de ser realizado por famílias que têm falta de recursos. De acordo com o SINCA, um sistema de informações sobre crianças e adolescentes gerido pelo IBGE/PNAD, 80% das crianças trabalhadoras provém de ambientes extremamente pobres.

De acordo com a constituição brasileira, entretanto: *“É dever da família, da sociedade e do Estado garantir às crianças e aos adolescentes, com prioridade incondicional, o direito à vida, saúde, alimentação, educação, lazer, treinamento profissionalizante, cultura, dignidade, respeito, liberdade, família e*

*comunidade, além de resguardá-las contra todas as formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (artigo 227).*

Para Abramovay (1999), uma combinação de fatores está tornando a juventude mais violenta. Um deles é a dificuldade de ingresso no mercado formal de trabalho, que a autora considera cada vez mais competitivo e cruel. De acordo com ela, existe uma “*crise do futuro*” que “*estaria criando situações favoráveis à consolidação das alternativas ilegais ou criminais para existência e sobrevivência entre a juventude*” (Abramovay, 1999: 14).

Outra causa notada pela autora é o processo de consolidação progressiva de pobreza, exclusão e vulnerabilidade de diversos setores da população. Esse processo leva a mecanismos alternativos de subsistência, como o crime e a violência. A terceira variável sugerida por Abramovay está enfocada na crise e no colapso da estrutura normativa da sociedade moderna. Isso ocorre “*quando um sistema de valores culturais elogia (...) certos padrões de sucesso, mas nega ou impede o acesso a estes padrões, de forma legítima, a uma parte considerável da população*” (Merton, 1949, apud. Abramovay, 1999).

De acordo com a autora, os menores transgressores desculpam seus crimes ou contravenções utilizando argumentos éticos - a presumida ineficiência de comportamento de acordo com as regras da sociedade. Existe, ainda, um julgamento pragmático pelo fato de serem menores: com menos de 18 anos de idade, o risco de prisão é pequeno.

Para Minayo (1997), o narcotráfico reforça a violência potencial e torna-a mais complexa. As disputas territoriais transformam a violência em uma estratégia para disciplinar os subordinados e o mercado. Na década de 80, com a institucionalização do tráfico, as estatísticas sobre o crime cresceram ainda mais<sup>8</sup>.

O narcotráfico pode ser responsabilizado por elevar a criminalidade e a violência no Brasil e, em cidades como o Rio de Janeiro, está alegadamente ligado a outras atividades criminais como seqüestros e assaltos a bancos. Estão organizados como um poder paralelo que desafia as autoridades, corrompe a força policial e controla a população de muitas comunidades (Biscaia, 1997: 214). Ele também abrange recursos e atores em nível internacional, tanto no campo do tráfico de drogas como no contrabando de armas.

Souza (1996) descreve dois subsistemas interligados na estruturação do narcotráfico no Brasil: subsistemas de importação/exportação/atacado (I-E-A) e varejo.

*“O subsistema I-E-A é responsável pela entrada das drogas ilícitas (...) e pelo estabelecimento de contatos para a saída do produto (...). Outrossim, o subsistema I-E-U é de longe responsável pelo*

---

<sup>8</sup> Para Leeds (1999), as origens do poder paralelo no narcotráfico estão na decisão por parte das forças armadas, em 1969, de separar os prisioneiros políticos e os “criminosos comuns” dos outros, justificado pelo fato de que eram considerados como uma ameaça à segurança nacional. Os dois grupos foram transferidos para prisão de segurança máxima (Penitenciária Cândido Mendes) na Ilha Grande, afastada da costa sul do Rio de Janeiro. Os prisioneiros políticos eram na maioria instruídos, da classe média com inclinação para a esquerda. Levaram para a prisão uma estrutura organizacional e uma ideologia absorvida pelos ‘criminosos comuns’ mesmo na maneira em que se denominavam.

*fornecimento daqueles que trabalham em subsistema de varejo (tratando não apenas de drogas como também de armas)” (Souza, 1996: 430).*

O subsistema de varejo é implementado de formas diferentes. Há uma ênfase em gangues “*que têm as favelas e outros espaços segregados como base para suporte logístico*” (Souza, 1996: 430). No Rio de Janeiro, as gangues (que são geralmente organizadas em comandos) podem envolver um conjunto diverso de atores, como *proprietários* (podem ser negociantes médios, dependendo do número de pontos-de-venda), *gerentes* (gerenciam o movimento nos pontos-de-venda); *segurança* (são responsáveis pela proteção dos pontos-de-venda); *vendedores* (vendem drogas a clientes); *vigias* (alertam sobre a aproximação da força policial ou de gangues rivais) e outros, como *trabalhadores*, que empacotam a droga (muitos dos quais são mulheres), e policiais, que extorquem os vendedores ou que são contratados para trabalhar para eles (Souza, 1996: 431).

De acordo com Alvito (1999), em nível de varejo “*nas grandes comunidades, as atividades relacionadas ao narcotráfico apresentam diversas especializações - as mulheres embalam as drogas, jovens são vigias, jovens mais velhos entregam as drogas ou vendem-nas em pontos-de-venda na comunidade, adolescentes ostensivamente armados patrulham os territórios(...). Quaisquer que sejam as funções, a maioria das pessoas envolvidas vêem o narcotráfico como uma das poucas alternativas economicamente viáveis disponíveis*”.

Esta atividade criminosa funciona como uma empresa comercial, com princípios básicos de mercado, em linha com os interesses dos grupos econômicos que controlam a atividade. Sendo uma atividade ilegal, e portanto não submetida o controle institucional, o uso de armas é o principal instrumento para garantir a perpetuação dos esquemas de tráfico. Isso é especialmente verdadeiro no Rio de Janeiro.

Entretanto, é interessante observar que, embora este tipo de atividade seja ilegal, possibilita que quantias relevantes de dinheiro fluam para dentro e para fora das comunidades. Os trabalhadores, especialmente os mais jovens, na sua busca por *status*, gastam avidamente uma parte importante de sua renda com consumo não-essencial.

A expressão “soldado do tráfico” soa forte e ameaçadora para Moreira (2000); o termo está sendo cada vez mais usado, entretanto, para caracterizar uma das posições mais valiosas no narcotráfico. O autor aponta para o fato de que esta denominação presume uma lógica militar de guerra que define uma oposição entre “aliados” e “inimigos”. Todos os recursos disponíveis devem ser dirigidos contra os “inimigos”, na busca de sua derradeira destruição. Para Moreira, em um nível, esta estrutura se materializa como uma guerra - conflitos armados, armas distribuídas, disputas entre gangues rivais, tiroteios com a polícia etc. Entretanto, reconhecer a situação como uma guerra, implica declará-la oficialmente, e isto forçaria a polícia a ocupar as comunidades, o que afetaria seriamente a vida no local<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>Alvito (op.cit.) apresenta um exemplo do grau da interferência do narcotráfico nas comunidades locais. Foi realizada pesquisa em uma comunidade no distrito do Rio de Janeiro que estava sendo ocupada pela polícia em abril de 1996. O autor declara que a diminuição drástica e a quase supressão do narcotráfico nos primeiros meses de ocupação afetou pesadamente a economia local, apesar de somente em torno de 1% da população estar diretamente envolvido no narcotráfico. Outrossim, as pessoas que compraram drogas também costumavam consumi-las no comércio local antes da ocupação.



*“Os ‘chefes’ e ‘gerentes’ do ‘movimento’<sup>10</sup>, após terem se estabelecido dentro das comunidades, adquirem armas, dinheiro e autonomia para conquistar o poder necessário para mobilizar as pessoas para o desempenho de funções hierárquicas e para expandir os negócios. Os primeiros e os últimos são geralmente jovens, residentes pobres de favelas, e tornam-se os componentes mais visíveis do tráfico. Formam também o setor da população mais afetado por mortes violentas. Com delinquência e morte, cobrem os setores mais lucrativos do tráfico: importação, refino e transporte, lavagem de dinheiro e reinvestimento. Essas atividades são operadas por pessoas das camadas sociais e financeiras mais altas, que possuem influência política e contatos no setor público e no mercado de capitais” (Moreira, 2000: 02).*

Souza (1996) chama a atenção para o contexto articulado entre ações em comunidades do Rio de Janeiro - parte do sistema de varejo - e ações em escala internacional, tudo parte do subsistema I-E-U.

*“Para entender a natureza desigual do narcotráfico, é essencial analisar o sistema dentro de parâmetros amplos (...); olhando para toda a cidade, para o país na perspectiva de sua relação com o resto do mundo, abrangendo banqueiros e aqueles que, embora não vivendo em favelas nem sendo diretamente expostos às mesmas, são beneficiários principais do narcotráfico. Deste ponto de vista, o narcotráfico pode ser observado de forma mais integral, reconhecendo-se a pobreza como funcional para seu funcionamento que utiliza os jovens como uma força de trabalho barata, descartável” (Souza, 1996: 439).*

De acordo com esta perspectiva, a cooptação de jovens de favelas é uma forma de assegurar a manutenção de um sistema mais amplo de narcotráfico que envolve redes internacionais. Estes jovens são usados nas linhas de frente de uma guerra entre o narcotráfico e o Estado. São os primeiros a serem afetados pelo mecanismo cruel que utiliza a desigualdade social e as necessidades básicas da população de baixa renda para explorar crianças e jovens maiores de 18 anos.

Para Abramovay (1999: 11), *“Hoje, os jovens são os que mais matam e morrem. São também a maioria dos que são presos”*. Os jovens que vivem entre a vulnerabilidade pessoal e social, e em ambientes familiares desfavoráveis, podem ter tendências comportamentais violentas; entretanto, deve-se ter cuidado ao fazer tais generalizações porquanto algumas pessoas criadas em ambientes violentos rejeitam esse comportamento. Ao mesmo tempo, o jovem pode ser criado em ambientes não-violentos e ser propenso a atitudes violentas. Os crimes e as contravenções podem ser entendidos como resultantes de valores adquiridos do grupo social do indivíduo, associados à incapacidade do Estado e da sociedade de criar meios para ascensão social. Comprovadamente, existe uma relação dialética entre o indivíduo e as condições sociais que o rodeiam. A escolha pode ser, portanto, aceitar ou rejeitar o que é oferecido ao indivíduo.

Conflito permanente sobre pontos-de-venda e acertos de dinheiro são parte da rotina de crianças e jovens maiores de 18 anos envolvidos no narcotráfico, uma guerra que é lançada pelo desejo de ganhos financeiros rápidos e fáceis. O desejo de demonstrar o poder pelas armas e a riqueza que predomina entre

---

<sup>10</sup> Movimento: este termo designa a atividade de negociar com drogas e o conjunto de relações em torno da atividade.

os traficantes. Entre os jovens, o desejo de consumir bens que são símbolos de *status*, como roupas de marca, prevalece.

Pode ser visto como estranho que tantos jovens estejam entrando no narcotráfico simplesmente para possuírem roupas caras e coisas similares, entretanto, é importante entender que em uma sociedade de consumo, que dá mais importância ao que alguém “possui” do que ao que alguém “é”, roupas ou produtos equivalentes adquirem novo significado. Tornam-se um símbolo de poder e posses, representam uma forma importante de distinção, conforme definido por Pierre Bourdieu (1994). A ilusão do consumo confere a estes adolescentes uma sensação de força; possuem algo que a desigualdade, intrínseca para a sociedade brasileira, limita.

*“É tão importante e gratificante para eles entrarem em uma loja de vestuário em um shopping center, escolher as roupas que mais gostam, experimentá-las e comprá-las, que os riscos de trabalhar no narcotráfico são justificados”* (Moreira, 2000: 109).

Para Zaluar (1994), além do consumo, existe outro fator muito importante para a entrada do jovem no narcotráfico: as armas. De acordo com a autora, os jovens são fascinados por uma “subcultura viril” que atinge diretamente a vulnerabilidade das crianças e dos maiores de 18 anos. O que mais importa é o valor alegado obtido pela imagem externa e pelo uso da força (armas, dinheiro, roupas, drogas e mulheres).

Freqüentemente, os indivíduos referem-se aos baixos salários dos pais indicando que as atividades ilegais são uma alternativa concreta para a vida e a sobrevivência, independentemente dos riscos decorrentes. Na opinião de Zaluar, eles adquirem valores chauvinistas por serem tirados da escola e não terem uma educação religiosa que lhes daria uma ética rígida de trabalho. Nesse contexto, a submissão torna-se ainda mais humilhante. As crianças e os jovens maiores de 18 anos buscam autonomia, “adrenalina”, independência e poder, que são essencialmente expressas por sua imagem e percebidas por seus parceiros.

A mídia contribui para esta mentalidade ao promover uma sociedade consumista, na qual o individualismo e as realizações pessoais indicam o sucesso. Especialmente por meio da televisão, a mídia cria modelos de papel que levam as crianças e os jovens maiores de 18 anos a uma cultura agressiva. Neste sentido, à medida em que a mensagem da mídia é incorporada, os jovens membros dos esquemas do narcotráfico consideram o assassinato e a morte como normal ou mesmo trivial. Matar torna-se um ato de sobrevivência ou coragem. Ao mesmo tempo, a morte prematura é previsível para os que andam em suas comunidades com armas de guerra.

Em seu estudo da comunidade da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, Zaluar demonstra como a aquisição de armas pelos jovens afetou as relações locais de poder. O que costumava ser regido por uma hierarquia rígida entre as gerações, é agora imposto pela vontade dos adolescentes ligados ao narcotráfico que usam armas de guerra de forte poder destrutivo.

Para Assis (1999), as crianças e os jovens maiores de 18 anos tendem a se sentirem poderosos na medida em que a rede de narcotráfico espalha suas forças na comunidade. O respeito é mal interpretado como medo, e é imposto aos residentes. Este respeito aumenta na medida em que as crianças ascendem

na hierarquia da cultura do tráfico. Entretanto, o valor da vida diminui, quase desaparecendo do interior dessas crianças. O autor conclui fornecendo três motivos pelos quais as crianças justificam sua participação no tráfico: dinheiro, mulheres e respeito.

A falta de perspectiva deve ser considerada como um motivo para os jovens transgressores rejeitarem os valores sociais básicos. Entretanto, isso não é uma verdade absoluta. É parte de um roteiro paternalista que afirma que os jovens entram para o narcotráfico devido a condições calamitosas de vida, o que equivale a caracterizá-los como indivíduos passivos, meros produtos de seu ambiente social.

Assis (1999) considera as teorias de violência como sendo quase que invariavelmente parciais. É necessário refletir teórica e metodologicamente de acordo com a complexidade e controvérsia do tópico. O autor mantém que, em uma perspectiva estrutural, é prática comum justificar a violência como resultado de desigualdade social; dizer que as pessoas participam em atividades ilegais porque estão social e economicamente em desvantagem (Merton, 1957 apud Assis, 1999). Além da desigualdade social há uma carência de perspectiva social, falta de oportunidades por meio de trabalho “bom, árduo e honesto”, e as facilidades e perspectivas positivas oferecidas pelo crime organizado. Esses motivos devem ser também combinados com o ambiente que trivializa a violência. Além desses motivos, portanto, deve-se considerar as conseqüências sócio-psicológicas relacionadas à frustração pessoal.

De acordo com Moreira (2000), o envolvimento das crianças no narcotráfico revela uma atitude de escape e busca, de evitar problemas e satisfazer os desejos, uma sinergia de sensações, sentimentos e ações. Em sua pesquisa, o autor coletou declarações de jovens atendidos pelo Sistema Aplicado de Proteção (um programa de re-socialização em uma instalação para menores). Um dos assuntos revela alguns dos motivos que levaram a seu envolvimento no narcotráfico<sup>11</sup>:

---

<sup>11</sup> Todos os nomes dos indivíduos usados em todo o relatório foram alterados por motivos de sigilo.

*“Para alguns, é falta de trabalho; outros querem comprar roupas caras. Alguns dizem que se envolveram para ajudar suas famílias, mas na realidade não é isso que aconteceu. Por vezes uma pessoa tem medo de falar, gasta dinheiro em conduta imoral. Algumas vezes, um viciado gasta dinheiro comprando cocaína ou maconha. Outros gastam-no com mulheres, motéis. O tráfico ...dizem: só andamos por aí juntos, por sermos todos crianças. Então você acaba se envolvendo. Estou com você e você está usando drogas. E o outro pergunta: ‘você pode me ajudar, só me empurrando’. Então, outro, que está com você, termina também se envolvendo e por aí adiante. Se você estiver trabalhando, você não se envolverá. Mas se você não está fazendo nada...”*

Para Moreira, a maior de todas as limitações é que, se o indivíduo tenta deixar o tráfico e reconstruir seu ambiente social, as situações difíceis efetivamente sofridas permanecem presentes: ensino modesto, condições de vida precárias, prejuízos, estigmas, desemprego etc. Ele acredita então que as pessoas teriam que se liberar das concessões discriminatórias para poder enfrentar o problema. Os membros jovens do narcotráfico são uma parte da sociedade e sua participação nestes esquemas não os transforma em soldados ou inimigos, nem elimina os obstáculos enfrentados pela população. Quanto à projeção de alternativas, não se pode ignorar os pressupostos que mantém a visão homogênea da cidade na questão das drogas, em favelas e dos jovens.



## Capítulo 2: Metodologia

A coleta de dados quantitativos, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, busca colher informações sobre as condições de vida das crianças envolvidas no narcotráfico. Além disso, busca revelar os pontos de vista dos membros da comunidade e de diversos profissionais sobre o tópico e as possíveis alternativas para enfrentar esta atividade. O universo pesquisado consistiu de 40 crianças, todas do sexo masculino; dez jovens, entre 20 e 30 anos de idade, três dos quais são do sexo feminino, todos envolvidos no narcotráfico; cinco membros das famílias das crianças; cinco policiais, 10 membros do sistema judiciário; cinco diretores de escolas públicas; cinco membros da favela, alguns dos quais líderes comunitários; 20 crianças e jovens maiores de 18 anos de favelas que não estão envolvidos no tráfico, sendo dez usuários de drogas e dez que não usam drogas. Ao todo, 100 (cem) pessoas foram entrevistadas.

Este tipo de levantamento de dados é uma tarefa delicada a ser implementada, por estar sujeito a situações inesperadas. Assim, uma equipe com experiência profissional extensa em trabalho em áreas de baixa renda e no trato com grupos locais foi criada para o trabalho de campo. A equipe conseguiu coletar dados sobre crianças trabalhando no narcotráfico em 21 diferentes comunidades. A tarefa mais difícil do processo investigativo foi o acesso às pessoas que deveriam ser entrevistadas. Isso foi conseguido de duas formas: (i) os membros da equipe de pesquisa que vivem em favelas do Rio de Janeiro entraram em contato com crianças ativas no narcotráfico; e (ii) realizando entrevistas com crianças internadas em instituições de tratamento intensivo autorizadas pela 2ª Vara da Infância e da Juventude. Os dados foram coletados de duas instituições: Instituto Santo Expedito e Instituto João Alves. Somente meninas ativas no tráfico foram entrevistadas, pois o tempo foi limitado e a participação feminina no narcotráfico é relativamente pequena. As crianças que pararam de trabalhar no tráfico ou que provêm da classe média não foram entrevistadas nesta etapa. Nenhuma das crianças entrevistadas nas instituições pertenciam a esta camada social.

De uma forma geral, as crianças e os adolescentes envolvidos no narcotráfico foram entrevistados em espaços públicos, como bares e trailers, ou em residências de pessoas envolvidas no tráfico. As outras entrevistas ocorreram nas residências ou locais de trabalho dos entrevistados. Não houve situações inesperadas durante as entrevistas. A experiência dos entrevistadores garantiu a elaboração de perguntas que abrangessem os diversos aspectos das atividades das crianças. Cabe reconhecer que o narcotráfico não se encaixa nas formas de organização do trabalho, com carga horária diária e práticas de compensação que os padrões formais fazem. As práticas no narcotráfico variam muito, até para o mesmo indivíduo, porquanto as pessoas se envolvem de diferentes formas. O narcotráfico não pode ser considerado um trabalho “normal” e, portanto, precisa ser investigado levando-se em consideração sua natureza ilegal.

Pelo fato dos entrevistados pertencerem a comunidades diferentes, é difícil relacionar os resultados a aspectos geográficos específicos. O estudo busca então apresentar uma imagem global do Rio de Janeiro e das crianças no narcotráfico em suas favelas.

*Os dados coletados durante o trabalho em campo foram apresentados em um workshop após a pesquisa. O encontro reuniu dez profissionais do Rio de Janeiro envolvidos no estudo do narcotráfico de diversas formas. Os participantes receberam a pesquisa de campo e foram solicitados a apresentar suas análises da investigação, bem como propostas de políticas públicas para tratar do tópico.*

## Capítulo 3: Crianças envolvidas no narcotráfico

### 3.1. Dados sobre crianças que cometeram crimes ou contravenções

A 2ª Vara da Infância e Juventude é uma ramificação do Sistema Judiciário designada para processar crianças menores de 18 anos de idade. Sua jurisdição pode atingir jovens até 21 anos de idade, caso os crimes ou contravenções sejam cometidos enquanto forem menores.

Entre 1996 e 2000, a 2ª VIJ atendeu a um universo de 25.488 crianças e adolescentes, 2.612 - 11,07% - do sexo feminino e 22.876 - 88,93% - do sexo masculino. No ano 2000, 59,5% das crianças eram infratores pela primeira vez; 19,11% tinham uma ocorrência anterior; 9,33% tinham duas ocorrências anteriores e aproximadamente 10% tinham três ou mais.

O percentual de crianças no sistema aumentou progressivamente, de acordo com a idade, até os 17 anos. Entre os acusados, 0,62% são menores de 12, 30,4% têm 17 anos, 15,1% das crianças estão entre 12 e 14 anos de idade e 40,5%, entre 15 e 16. As tabelas 1 a 4 dizem respeito a crianças que passaram pela 2ª VIJ de 1996 a 2000

**Tabela 1: Crianças no Sistema Judiciário, por idade**

Idade	Percentual
Menores de 12	0,62%
13 - 14	15,1%
15 - 16	40,5%
17	30,4%
18	13,18%

Fonte: 2ª VIJ



A maioria dos dados sobre prisões é com relação ao nível educacional das crianças: em torno de 30% não forneceram as informações sobre seu tempo de escolaridade. Dos que o fizeram, 36,7% tinham freqüentado entre zero a quatro anos. Isto é metade do nível educacional médio do Rio de Janeiro, de aproximadamente oito anos. A média brasileira é de 6,4 anos. O número de crianças na escola aumenta até a 5ª série<sup>12</sup>, quando chega a 12,3%; após isso, diminui. Somente 5,6% atingem o ensino médio. Apenas 0,02% chega ao ensino superior.

**Tabela 2: Anos de escolaridade**

Anos na escola	Percentual
Não responderam	30,0%
0 - 4	36,7%
5	13,3%
6 - 8	14,6%
9 - 11	5,4%
Mais de 11	-

*Fonte: 2ª VIJ*

As fontes da VIJ não contêm dados sobre a renda dessas crianças ou de suas famílias. É de conhecimento geral, entretanto, que existe uma correlação forte e positiva entre o valor da renda e o nível de educação. A maioria das crianças em conflito com a lei pertence à camada mais pobre da população do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro está testemunhando um processo que levou ao aumento da violência praticada por crianças e jovens maiores de 18 anos ali residentes. Em 1996, 3.318 crimes praticados por crianças com menos de 18 anos foram registrados no Rio. Em 1997, este número cresceu em 50%, chegando a 5.011. A situação atingiu o maior número em 1998, com 6.004 casos e caiu cerca de 10% em 1999. No ano de 2000, o número subiu ligeiramente para 5.898 casos.

<sup>12</sup> A idade média das crianças na 5ª série no Brasil é de onze anos de idade.

**Tabela 3: Estatísticas por idade**

Grupo Etário	1996	1997	1998	1999	2000	Total	( % )
Menores de 12	2	13	-	43	100	158	0,62%
12	88	117	121	79	144	549	2,16%
13	166	224	226	151	256	1.023	4,03%
14	343	578	499	341	503	2.264	8,91%
15	596	948	1.030	599	921	4.094	16,12%
16	968	1.387	1.471	1.007	1.353	6.186	24,35%
17	1.154	1.838	1.758	1.378	1.607	7.753	30,45%
18	-	-	550	940	382	1.872	7,37%
Não responderam	-	-	-	892	631	1.523	6,00%
Total	3.317	5.105	5.655	5.430	5.897	25.404	100,00%

Fonte: 2ª VIJ

**Tabela 4: Crimes e contravenções registradas**

Crime	1996	1997	1998	1999	200	Total
Contra a pessoa	232	299	418	656	866	2.471
Contra o patrimônio	1.480	1.346	1337	1.767	2.393	8.322
Contra os costumes	44	49	51	76	80	300
Uso ou venda de drogas	1.402	1.648	3.211	1.831	1.733	9.825
Contravenções penais	130	1.484	593	738	443	3.388
Outros	30	185	394	362	383	1.354
Total	3.318	5.011	6.004	5.430	5.898	25.661

Fonte: 2ª VIJ

Conforme os dados revelam, o envolvimento com narcóticos corresponde a 35,5% dos crimes registrados. Desses, 22,1% são definidos como tendo o envolvimento de drogas (código 12) e 13,4% como uso de drogas (artigo 16). Os crimes classificados como negociação ou uso de drogas são os mais comuns entre os menores.

### 3.2. Perfil das crianças envolvidas no narcotráfico

**Tabela 5: Idade**

Idade	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade <sup>13</sup>
13	2,50%	-	1
14	10,00%	-	4
15	17,50%	-	7
16	27,50%	-	11
17	32,50%	-	13
18	10,0%	-	4
20	-	20%	2
21	-	10%	1
22	-	10%	1
23	-	10%	1
27	-	20%	2
28	-	10%	1
30	-	10%	1
33	-	10%	1

Fonte: IETS<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Cinquenta pessoas foram entrevistadas: 40 crianças e 10 jovens maiores de 18 anos, cada indivíduo corresponde a 2,5%; entre os menores de 18 anos, cada indivíduo corresponde a 10%.

<sup>14</sup> Todas as tabelas dizem respeito a dados coletados pela equipe de pesquisa do IETS para este relatório, salvo se informado de outra forma.

Existe um grande número de adolescentes entre 15 e 17 anos de idade envolvido em atividades criminosas, e um aumento progressivo na quantidade de crianças entre 13 e 17 anos de idade envolvidas em esquemas de narcotráfico. É importante salientar, entretanto, que o que os dados sugerem, e vários pesquisadores confirmam, é que a idade das crianças empregadas pelo comércio de drogas está diminuindo. A tabela abaixo demonstra este fato. Compara a idade na qual os menores e os jovens acima de 18 anos ingressaram no negócio de tráfico.

**Tabela 6: idade de ingresso no narcotráfico**

Idade	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
8	2,50%	-	1
9	5,00%	-	2
10	5,00%	-	2
11	12,50%	-	5
12	15,00%	-	6
13	27,50%	10%	12
14	17,50%	20%	9
15	10,00%	20%	6
16	5,00%	20%	4
18	-	10%	1
25	-	20%	2

*Fonte: IETS*

Diversas fontes enfatizam a mudança que ocorreu nos últimos anos com relação ao envolvimento de crianças na atividade. Até a primeira metade dos anos 90, os gerentes não permitiam participação de crianças no tráfico. Entre as razões para essa postura, havia o receio da desaprovação da comunidade, a falta de experiência das crianças na realização das tarefas, na confrontação com a polícia e grupos rivais, além da responsabilidade profissional.

Após a segunda metade dos anos 90, o envolvimento de menores se intensificou com a redução progressiva da idade. De acordo com a maioria das fontes, o principal motivo para essa mudança foi o custo reduzido de crianças no caso de prisão ou extorsão por parte da polícia.

*“Fiapo e Branco<sup>14</sup> estavam em uma motocicleta. Deixaram a favela, entraram na avenida e viram um carro da polícia. Atiraram nos policiais e fugiram. Os policiais correram atrás deles e fuzilaram os dois. Dois meninos, um com quinze e o outro com dezesseis anos de idade: estavam com muita adrenalina, ninguém conseguia segurá-los” - Anilde - Gerente geral, 23 anos, Favela Nova Holanda, Maré.*

O fato das crianças estarem mais facilmente disponíveis para estas atividades é um segundo elemento que estimula seu envolvimento. De acordo com alguns entrevistados, as crianças terminam *inebriadas* pela adrenalina da vida diária no narcotráfico. As crianças *gostam* de trocar tiros com a polícia ou com membros de grupos rivais, bem como demonstrar força e destemor, por exemplo, mais intensamente do que seus parceiros mais velhos. Não é uma coincidência que, de acordo com a maioria das pessoas entrevistadas, muitos morrem no primeiro ano em que ingressam na gangue.

Uma das pessoas entrevistadas declarou que: “os que sobrevivem o primeiro ano, não morrem”. Isso, obviamente, não é verdade; entretanto, demonstra que o tempo é um fator essencial na assimilação das regras básicas de sobrevivência - algumas das quais muitas crianças não conseguem adquirir. Esses exemplos incluem evitar a exposição à força policial, respeitar a população local, evitar fazer declarações não apropriadas, não ser ambicioso e evitar o uso de cocaína. Essas “regras” são reconhecidas pela observação diária durante o treinamento. Assim, quanto mais longa a exposição prévia das crianças às redes de narcotráfico, maior sua capacidade de incorporá-las.

**Tabela 7: Cor da pele**

Etnia	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Pardo <sup>(1)</sup>	45%	40%	22
Negro	40%	50%	21
Branco	15%	10%	7

<sup>1</sup> Brasileiro com ascendência africana parcial

Existe uma proporção significativamente alta de negros e pardos trabalhando no narcotráfico. Apesar dos afro-brasileiros e pardos representarem cerca de 45% da população, nesta atividade representam 90% da força de trabalho.

<sup>14</sup> Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

**Tabela 8: População brasileira, por cor da pele**

Cor da Pele	Percentagem
Branco	54,00%
Pardo	39,00%
Negro	5,40%
Asiático	0,16%
Índio	0,46%

*Fonte: PNAD 1999 - IBGE*

O fato está de acordo com o número de afro-brasileiros e pardos na camada popular brasileira. Os que têm menos oportunidades no setor formal da economia têm mais probabilidade de se marginalizar, e serem levados para as atividades ilegais como o narcotráfico.

Todos os indivíduos menores de 18 anos entrevistados nasceram no Rio de Janeiro, bem como seus pais. Entretanto, a maioria de seus avós é de imigrantes, especialmente do Nordeste. Isso sugere que os indivíduos são migrantes de terceira geração que se adaptaram à cidade, entretanto, ainda enfrentam as dificuldades que seus pais e avós enfrentaram e têm poucas oportunidades sociais. A renda de seus pais, os níveis de escolaridade e as profissões são um registro constrangedor de suas oportunidades limitadas.

**“Na minha casa, vivíamos em grandes dificuldades financeiras e nunca havia dinheiro suficiente para nada. Mas minha mãe sempre foi uma trabalhadora incansável; nunca aceitou esta história de tráfico. Hoje, ela ainda não aceita dinheiro de mim; ela é honesta”**

*WILLIAM, 16 ANOS, MORRO DA FORMIGA, TIJUCA.*

**Tabela 9: Renda dos pais, em salários mínimos (SM), compensação mensal**

Renda (em SM)	Menores de 18	Maior de 18	Quantidade
Até 1	12,50%	20%	7
De 1 a 2	22,50%	20%	11
De 2 a 3	5,00%	10%	3
De 3 a 5	2,50%	30%	4
De 5 a 10	2,50%	-	1
Mais de 10	2,50%	-	1
Não sabe	52,50%	20%	23

Muitas crianças não têm conhecimento do montante da renda de seus pais, embora familiarizados com suas dificuldades financeiras. Entre pais daqueles que sabem, uma elevada proporção - em torno de 80% - percebem até três salários mínimos. Isso está coerente com a renda familiar média das favelas no Rio de Janeiro, conforme mostrado na tabela 10.

**Tabela 10: Indicadores sócioeconômicos das famílias no Rio de Janeiro**

Indicadores	Favelas no Rio de Janeiro	Cidade do Rio de Janeiro
Chefe de família com menos de 4 anos de escolaridade	20,60%	17,20%
Chefe de família com mais de 15 anos de escolaridade	1,07%	16,70%
População analfabeta com menos de 15 anos de idade	15,30%	6,10%
Chefe de família com renda de até 2 SM	72,30%	35,50%
Chefe de família com renda igual ou superior a 10 SM	0,61%	15,10%
Renda nominal média de chefe de família em SM	1,71	5,84

Fonte: IPLAN-RIO, 1997 baseado no Censo de 1991

É importante observar que a renda dos pais está no mesmo nível, ou ligeiramente abaixo, da média das favelas. Considerando-se que mesmo os que não são familiarizados com a renda de seus pais afirmam que eles têm dificuldades financeiras, é possível dizer que o narcotráfico atrai principalmente as crianças de famílias de baixa ou média renda. As famílias de profissionais, como donos de lojas e servidores públicos, têm menos crianças envolvidas no tráfico do que as de trabalhadores com salários e qualificações baixas. O tráfico atrai crianças de todos os segmentos de favelas, mas principalmente das faixas mais pobres da população.

Sessenta por cento dos menores não têm conhecimento do nível educacional de seus pais e 45% não têm conhecimento do nível de suas mães. Somente 5% responderam que pelo menos um deles concluiu o ensino secundário, assim, apenas 5% das crianças têm pelo menos um dos pais que estudou onze anos ou mais. A maioria dos pais não concluiu o ensino básico (no mínimo oito anos de escolaridade). As profissões dos pais são uma consequência de sua baixa escolaridade e resultam em sua baixa renda. Todos trabalham em atividades manuais e têm pouquíssima qualificação. Muitos são empregados domésticos ou trabalhadores manuais na construção. Os níveis de educação das crianças não variam muito dos de seus pais.

**Tabela 11: Anos de escolaridade**

Anos de escolaridade	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
1	10,00%	-	4
2	5,00%	10%	3
3	2,50%	-	1
4	37,50%	20%	17
5	30,00%	20%	14
6	12,50%	10%	6
7	2,50%	30%	4
Analfabetos	-	10%	1

*Fonte: IETS*



**“Eu estava indo à escola e trabalhando no tráfico; tinha treze anos. Mas estava sempre cansado. Um dia abandonei a escola. O Diretor me chamou e insistiu para que eu voltasse. Eu era um bom aluno. Mas não teve jeito: eu gostava da escola, mas queria crescer no negócio, ser dono da favela”**

*CLÁUDIO, 17 ANOS, GERENTE GERAL, MORRO DO BOREL, TIJUCA.*

**Tabela 12: Idade de saída da escola**

Idade	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Menos de 11	15,00%	-	6
11 - 12	12,50%	-	5
13 - 14	25,00%	-	10
15 - 17	15,00%	30%	9
17 ou mais	-	50%	5
Não sabe	32,50%	20%	15

Um nível educacional mais elevado dos pais não reflete um nível de educação mais elevado da criança. Dos entrevistados, em torno de 32,5% das crianças não se lembram de quantos anos tinham quando abandonaram a escola. Este é um testemunho da falta de importância que dão à instituição. Existe uma diferença importante entre as idades de abandono dos dois grupos. Esta diferença é evidência de que as crianças estão efetivamente ingressando no narcotráfico progressivamente mais cedo, tornando difícil permanecer na instituição educacional. Muitas crianças dizem que na realidade gostam da escola, mas que a rotina do tráfico e a atitude exigida pelo comércio de drogas e sua rede social os impedem de frequentá-la.

Os principais pontos negativos da escola são informados como sendo a disciplina em excesso, ter que estudar e ficar parado por longos períodos de tempo e, de certa forma, a atitude dos diretores. A dificuldade no aprendizado e a falta de importância do que está sendo ensinado são dois outros pontos negativos mencionados pelos entrevistados. Fica claro que as normas de comportamento da escola não estão de acordo com os interesses das crianças.

O narcotráfico exige ação, vigor e *sintonia* o tempo todo. A escola exige um tipo diferente de concentração para a realização de tarefas de forma ordenada e sistemática. Exige o uso de habilidades

cognitivas que não são tradicionalmente exigidas. O principal ponto positivo mencionado pelos entrevistados sobre a escola é o fato de que ali eles adquirem conhecimento. Em contrapartida, entretanto, as disposições exigidas pelo narcotráfico tornam difícil o desenvolvimento sistemático do aprendizado.

Um aspecto peculiar da relação das crianças com a escola é sua percepção das atividades dos professores. O trabalho que os professores realizam é o segundo ponto positivo mencionado pelas crianças, mais do que sua relação com outras crianças. Não gostar dos professores, entretanto, foi a principal razão apresentada para abandonar a escola. A questão de gostar dos professores ou não depende claramente de indivíduos diferentes e revela o papel importante que estes profissionais desempenham, especialmente para crianças que estão sob risco social.

**“Dimas estava nas mãos de um bando de caras com rifles, ele e dois amigos. Ele ia morrer. Estava caminhando e rezando, ele tinha fé. Subitamente, desapareceu. Ninguém sabe o que aconteceu. Os outros morreram mas ele escapou. É o poder da oração”**

AZUL, 17 ANOS, FAVELA DO RUBENS VAZ, MARÉ.

É importante salientar a religião professada pelas crianças e pelos jovens maiores de 18 anos que trabalham no tráfico, conforme mostra na tabela a seguir:

**Tabela 13: Religião**

Religião	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Católica	12,50%	20%	7
Protestante	5,00%	20%	4
Neo-pentecostal	30,00%	20%	14
Culto afro-brasileiro	2,50%	-	1
Sem Religião	50,00%	40%	24

Metade dos entrevistados não pertencem a qualquer religião, nem reivindicam ser agnósticos ou ateus. Todos afirmaram sua crença em Deus. O fato mais significativo é a importância decrescente dos

cultos afro-brasileiros. A campanha agressiva de crescimento das igrejas neo-pentecostais, especialmente a “Igreja Universal do Reino de Deus”, entre membros dos grupos religiosos afro-brasileiros parece ter sido altamente eficaz.

O Movimento Neo-Pentecostal Brasileiro oferece uma alternativa ao quebrar as ligações do indivíduo com o passado. Transfere a responsabilidade dos atos pessoais do eu para as entidades espirituais. Isto facilitou sua penetração nos setores populares. Oferece a possibilidade de pertencer a uma nova rede social com códigos e regras diferentes. Em nível teológico, apresenta um Deus pessoal: um Ser Superior que estabelece uma relação direta com o indivíduo, e o resgata dos tormentos diários. Outra característica menos mencionada é que as religiões pentecostais se apropriam de palavras e rituais tradicionalmente utilizados nos cultos afro-brasileiros.

A “Igreja Universal” substitui a “macumba” e outros cultos afro-brasileiros no que é percebido pelos crentes como sua bênção mais valiosa: a proteção contra o demônio espiritual. Muitos dos entrevistados referiram-se ao poder da prece como uma forma de proteção em tempos de conflito ou tensão, comuns durante um dia passado no narcotráfico. Este processo é observado não apenas entre a camada mais baixa; é uma tendência ampla, testemunhada entre os jogadores de futebol profissionais, artistas e outros segmentos da sociedade.

A religião é um fator que fez muitos dos entrevistados, com menos ou mais de 18 anos, se sentirem apreensivos e desconcertados sobre matar. Eles dizem que “somente Deus pode tomar a vida de alguém”. A morte é aceita, entretanto, sempre que necessário para defender sua gangue ou suas próprias vidas.

### 3.3. Dinâmica da vida de crianças no narcotráfico

***“A mulher tem uma vida fácil, vivendo do dinheiro de um cara; quando seu parceiro cai, se ele for preso, ela não pode deixá-lo. Alguém que está ali durante as horas boas tem que ficar com o cara nos piores momentos. Se ela não o fizer, tem que pagar o preço”***

MARIANE, 22 ANOS, PARQUE UNIÃO, FAVELA DA MARÉ.

***“Minha mulher me abandonou e se juntou com outro cara. Quando deixar esta atividade, a primeira coisa que vou fazer é cortar seus peitos e acabar com ela. Então, ela aprenderá a não mexer comigo”***

GERSON, 17 ANOS, CIDADE DE DEUS.

A observação do estado civil dos entrevistados leva a um melhor entendimento de suas vidas diárias no tráfico. Primeiramente, o número de crianças casadas e de jovens maiores de 18 anos é na faixa de 22,5%. O sucesso com as mulheres é um dos fatores mais importantes na atração e manutenção de crianças no narcotráfico. Mesmo aqueles que não são casados salientam, todavia, a importância de um relacionamento estável.

Este fato pode ser explicado pela dificuldade que os entrevistados encontram na preservação de um relacionamento com suas famílias após trabalharem algum tempo no tráfico. A família pode começar a ser observada pela polícia ou a sofrer agressão de gangues rivais. Não é uma coincidência que a maioria das crianças queiram comprar uma boa casa para sua família em algum lugar fora da favela. Ao retirar suas famílias do espaço local, os entrevistados evitam os riscos de ataques eventuais de gangues rivais.

O sentimento dos entrevistados em relação às parceiras é diferente. Uma boa mulher compartilha os bons e os maus tempos. Ela tem o direito de usufruir os privilégios de sua posição, especialmente os bens materiais, mas ela é também obrigada a mostrar sua solidariedade em momentos difíceis. A prisão do marido é o momento crucial. Uma esposa ou parceira que abandona o homem que sustentou sua vida nessa situação pode ser punida com crueldade, e até mesmo com a morte. O sentimento de traição, neste caso, é tão esmagador que foi uma das poucas áreas de consenso no grupo, incluindo as mulheres.

***“... Amigos são os que ficam do seu lado quando você precisa deles, quando você está enfrentando calor do inimigo. Amigos são aqueles em quem você acredita, com os quais você deve ter responsabilidade”***

ZUMBI, MORRO DO DENDÊ, 16 ANOS, ILHA DO GOVERNADOR.

Em particular, outro elemento comum do grupo são as amizades estabelecidas em suas vidas diárias, conforme demonstrado na tabela abaixo:

**Tabela 14: Principais amizades**

Indicadores	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Trabalham no tráfico	75%	60%	36
Apenas usuários de drogas	5%	-	2
Não usam drogas e não trabalham no tráfico	20%	40%	12

Um dos aspectos que melhor caracteriza os indivíduos é a noção de pertencimento a um grupo. Isso é particularmente forte entre as crianças mais jovens. Elas afirmam um rígido “espírito de corpo”, grande ansiedade em aumentar a influência da gangue na cidade, e que dariam suas próprias vidas pelo grupo. Quanto mais permanecerem envolvidas no tráfico, mais sua relação com o grupo se aprofunda. Entretanto, as regras diárias do tráfico são difíceis e tensas. Muitos indivíduos, particularmente os mais velhos, dizem que é crucial aprender a escutar, falar e ver para sobreviver neste tipo de ambiente, restrito tanto espacial quanto socialmente.

### ***“Se quiser subir no tráfico, tem que ser inimigo do dinheiro”***

ANDERSON, 23 ANOS - VILA DOS PINHEIROS.

Pelo fato das posições e situações serem fluidas, a rede social do comércio de drogas é sustentada por princípios rigorosos, fortemente defendidos por todos os entrevistados. A capacidade de executar as regras com maior competência definirá o processo de ascensão na hierarquia. A frase acima revela a importância de não ser arrastado pela ambição e é uma declaração de ser um portador confiável de dinheiro ou de bens valiosos. Outras características são também importantes para atingir uma melhor posição dentro da organização, entre elas bravura e audácia no confronto com a polícia ou uma gangue rival.

Não é uma coincidência que muitos afirmem ser o pior aspecto da vida no narcotráfico a possibilidade de traição por membros ambiciosos e traiçoeiros da gangue. Inveja, ressentimento e ambição são elementos presentes nas suas vidas diárias. Muitos dizem, em particular os mais velhos, que no tráfico “ninguém é amigo de ninguém, ninguém se importa com ninguém”.

As pessoas em cargos de gerência são especialmente cuidadosas com as palavras, com receio de alguma forma de traição que os colocará “nas mãos da morte”.

***“Tenho visto muitos garotos vacilando, agindo com estupidez, confundindo os vizinhos com inimigos, atacando as pessoas erradas. Ele morre. O “Branco” é bom em fazer dinheiro, acabar com ele é estupidez”***

*BRANCO, 16 ANOS, MORRO DA MANGUEIRA.*

A maioria dos entrevistados evita o uso regular da cocaína. Ela é considerada como tendo um alto valor, mas seu uso é desprezado: “a cocaína torna a pessoa neurótica, ansiosa, a pessoa não pode raciocinar direito e acaba fazendo um monte de besteiras”.

Das 36 crianças que usam drogas, 90% preferem a maconha. De forma geral, usam-na muitas vezes por dia. Um grupo bem menor – seis crianças no total – também usa cocaína, mas somente duas vezes por semana – geralmente nas sextas-feiras e sábados. Somente um pequeno grupo não usa substâncias ilegais ou, ao contrário, usa mais de duas substâncias – maconha, haxixe e cocaína. A maconha, portanto, é a substância favorita entre as pessoas que usam drogas ilegais, e é geralmente fumada muitas vezes por dia. Nenhum dos entrevistados usa crack, amplamente conhecido como uma droga de efeitos destrutivos rápidos.

**Tabela 15: Uso de drogas**

Tipo de Droga	Menores de 18	Maiores de 18	Membros da Família
Maconha	90%	50%	50%
Cocaína	15%	30%	40%
Haxixe	25%	20%	-
Álcool	22,5%	70%	50%
Nenhuma	10%	30%	5%

*Fonte: IETS*

A hierarquia do tráfico é organizada como se segue (do mais baixo para o mais alto): vigia, vendedor, embalador, segurança, gerente de preço, gerente geral e proprietário.

***“Eu costumava proteger o chefe em todo lugar, ficava à sua disposição, sempre que me chamava, eu estava lá. Nunca fugi do aperto. Ele começou a confiar em mim e deu-me o cargo. Você tem que trabalhar muito, ser dedicado, confiável e responsável, e responder por seu negócio”***

TONI, 17 ANOS, GERENTE DE MACONHA, FAVELA DE ANTARES.

Tentativas para entender as práticas de compensação e a carga horária no tráfico, ao compará-las com os padrões tradicionais do mercado de trabalho, não fazem sentido. Como mencionado anteriormente, as práticas nesta linha de atividade específica são diferentes das atividades formais e informais do mercado; são escondidas e ilegais e não devem ser consideradas como trabalho “normal”. A compensação varia de acordo com a ocupação. Os envolvidos podem receber uma quantia fixa semanal, receber um pagamento diário ou uma percentagem das vendas, ou até uma combinação de ambos. O valor dependerá da receita de cada ponto de venda que varia de comunidade para comunidade. De forma geral, as comunidades com maiores receitas são melhor estruturadas, com esquemas de segurança mais eficazes e melhor compensação.

**Tabela 16: Funções, carga horária (CH) semanal e remuneração (valores em R\$)**

Função	CH - Mínima Semanal	CH - Máxima Semanal	Renda Mensal Mínima	Renda Mensal Máxima
Vigia	40	72	600	1.000,00
Embalador	12	36	300	1.400,00
Vendedor	36	72	1.900,00	3.000,00
Segurança	36	60	1.200,00	2.000,00
Gerente de Produto	60	72	2.000,00	4.000,00
Gerente Geral	60	72	10.000,00	15.000,00

As horas variam de acordo com a demanda e a atividade, entretanto, a disponibilidade total para as atividades diárias é uma característica chave de todos os membros. Este elemento aparece mais radicalmente entre os novos. As variáveis que orientam o comportamento de alguém no narcotráfico são, portanto, diferentes das que afetam os trabalhadores em atividades formais. Os vendedores e os vigias são os dois cargos que têm a maior similaridade com as relações formais de trabalho em um sentido estrutural. O primeiro não tem permissão para deixar seu posto até que venda todo o suprimento pelo qual é responsável. Ganha mais do que o pessoal da segurança devido à maior responsabilidade e exposição. Os vigias devem permanecer no posto enquanto os vendedores estiverem trabalhando. O pessoal da segurança, por outro lado, não tem um posto fixo. Podem andar pela comunidade ou mesmo ir a uma festa. Os horários dos guarda-costas dos gerentes ou dos proprietários são estabelecidos de acordo com a necessidade.

A total disponibilidade dos envolvidos no narcotráfico é o resultado da impossibilidade de deixar a comunidade. Fora do território do tráfico há um risco latente de confrontação com a polícia ou com grupos rivais. Saídas da comunidade devem ser preparadas com antecedência. Os indivíduos ficam restritos a áreas nas quais os vendedores de drogas locais são aliados. Quanto mais alguém permanece no tráfico, mais difícil é ter passagem livre na cidade, o que reforça os laços locais e as rotinas.

#### 3.4. Motivos que levaram as crianças ao tráfico

***“Estava indo para o trabalho quando um amigo me chamou para ir roubar na cidade. Ele me ensinou a fazê-lo. Enfiei a mão no bolso do velho e peguei a carteira. Havia R\$ 450,00. Eu recebia R\$ 150,00 por mês. Era tão fácil, eu nunca deixei esta vida; tinha 15 anos. Hoje, não tem retorno”***

ARIEL, 23 ANOS, GERENTE GERAL DE UM PONTO-DE-VENDA, PARQUE MARÉ, MARÉ.

Foi perguntado a todos os entrevistados o que os levou ao narcotráfico. Para as crianças e os jovens maiores de 18 anos, os dependentes e os membros dos envolvidos no tráfico, a escolha pessoal é o elemento-chave que leva as crianças para o negócio.

De acordo com estes grupos, os principais motivos são a identificação com o grupo, *adrenalina*, assim como o desejo de consumir substâncias ilegais. Os trabalhadores na comunidade, os líderes



comunitários, as crianças e jovens maiores de 18 anos que não usam drogas, e técnicos de instituições judiciárias, por outro lado, tendem a explicar a atração das crianças para o negócio por sua falta de recursos financeiros e/ou fraca estrutura familiar. Eles consideram os fatores externos como elementos relevantes que levam as crianças para o narcotráfico. Os policiais consideram os fatores estruturais importantes, mas tendem também a ressaltar os atributos individuais como relevantes.

**Tabela 17: Razões das crianças para se envolverem no narcotráfico**

Indicadores	Ordem de Importância	Quantidade
Identidade com o grupo	1º	14
Adrenalina	2º	11
Prover ajuda financeira à família	3º	8
Desejo de ganhar dinheiro	3º	8
Prestígio e poder	4º	7
Limitação profissional e salarial	5º	6
Defender a comunidade	6º	5
Violência familiar	6º	5
Vingança / rebelião	6º	5
Dificuldade na escola	7º	1
Dependência de drogas	7º	1

**Tabela 18: Razões dos jovens (trabalhadores maiores de 18 anos) para se envolverem no narcotráfico**

Indicadores	Ordem de Importância	Quantidade
Dinheiro e desejo de consumir	1º	6
Adrenalina	2º	4
Identidade com o grupo	3º	3
Prestígio e poder	4º	2
Limitações profissionais e salariais	4º	2
Dependência de drogas	5º	1
Revolta contra a polícia	5º	1

**Tabela 19: Membros da família das crianças envolvidas**

Indicadores	Ordem de Importância
Dinheiro e desejo de consumir	1º
Identidade com o grupo, prestígio e poder	2º

**Tabela 20: Trabalhadores e líderes comunitários**

Indicadores	Ordem de Importância
Problemas familiares	1º
Adrenalina	2º
Pobreza, prestígio e poder, ausência de políticas públicas e influências ambientais locais	3º
Desemprego, apelo ao consumo pela mídia de massa, ausência de valores religiosos e identidade com os traficantes	4º

**Tabela 21: Técnicos de Instituições Judiciárias**

Indicadores	Ordem de Importância
Pobreza	1º
Problemas familiares	2º
Influência do ambiente local	3º
Incentivo ao consumo pela mídia	4º
Dependência de drogas, identidade com o traficante	5º
Desemprego	6º
Despreparo da escola para lidar com as crianças	7º

**Tabela 22: Crianças e jovens maiores de 18 anos que não usam drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Problemas familiares, incentivo ao uso pela mídia	1º
Limitações profissionais e salariais	2º
Ausência de valores religiosos	3º
Pobreza, identidade com o grupo, adrenalina, dependência de drogas e despreparo da escola para lidar com as crianças	4º

*Fonte: IETS*

**Tabela 23: Crianças dependentes que vivem nas favelas**

Indicadores	Ordem de Importância
Dinheiro e desejo de consumo	1º
Problemas familiares	2º
Identidade com o grupo e dependência das drogas	3º

**Tabela 24: Policiais**

Indicadores	Ordem de Importância
Dinheiro e desejo de consumo	1º
Pobreza	2º
Prestígio e poder	3º

***“Só vejo três tipos de pessoas ganhando dinheiro com o tráfico de drogas: mulheres, polícia e advogados. Os traficantes são na realidade perdedores, nunca acumulam nada”***

CÉSAR, IRMÃO DE UM DOS MAIORES TRAFICANTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, MANGUINHOS.

A determinação do motivo pelo qual uma criança entra ou não para o tráfico somente pode ser analisada por meio de uma combinação de diversos fatores. Assim, o curso das vidas de indivíduos de diversos grupos sociais é determinado com base nas influências recíprocas dos atributos subjetivos pessoais e os da rede social à qual eles pertencem. Fazendo parte de determinadas redes sociais - tanto família, vizinhança, igreja, escola, etc. - a forma singular pela qual um indivíduo se relaciona com diversos grupos e com sua própria experiência são as variáveis que podem melhor levar alguém a entender porque uma criança será cooptada pelo tráfico enquanto seu irmão ou irmã prosseguirão como trabalhadores. Os pontos de vista sobre porque as crianças não ingressam no narcotráfico reforçam esta premissa. Os grupos que consideraram variáveis estruturais de grande importância o item 2.3 tendem a relativizar a escolha individual, enquanto que, por outro lado, os grupos que enfatizam a importância dos atributos subjetivos tendem a relativizar o peso da estrutura familiar. A estrutura familiar, entretanto, é entendida de forma geral como o elemento central para manter as crianças longe do tráfico.

Não é possível ignorar o medo da morte como uma barreira importante para ingressar na atividade. Este é um fator ainda mais forte do que o medo da prisão. Isto deriva da estratégia usada pela força policial do Rio de Janeiro em sua luta contra as drogas, apoiada no confronto armado, em lugar da investigação criminal. Além da ação da força policial, os conflitos entre as gangues tornaram-se mais belicosas com o uso de armamento sofisticado. Por conseguinte, o assassinato de crianças e jovens maiores de 18 anos que trabalham no narcotráfico aumentou na área metropolitana do Rio de Janeiro e tornou-se rotina nas favelas.

### 3.5. Razões para o não ingresso no tráfico

*“Depois que você entra no negócio, só existem duas formas de sair: debaixo da terra ou prisão. Estou fora”*

ERNANI, 17 ANOS, BAIXA DO SAPATEIRO, MARÉ.

**Tabela 25: Família das crianças empregadas no narcotráfico**

Indicadores	Ordem de Importância
Valores morais	1º
Medo da prisão, medo da morte	2º

**Tabela 26: Trabalhadores e membros comunitários**

Indicadores	Ordem de Importância
Família bem estruturada	1º
Valores morais	2º
Medo da morte	3º

**Tabela 27: Técnicos de Instituições Judiciárias**

Indicadores	Ordem de Importância
Família bem estruturada	1º
Medo da morte ou de ser preso	2º
Integração às regras sociais e valores morais	3º

**Tabela 28: Crianças que usam drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Medo de morrer	1º
Apoio da família	2º
Falta de disposição, escolaridade, medo de ser preso	3º

**Tabela 29: Jovens maiores de 18 anos que não usam drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Estrutura familiar	1º
Valores religiosos	2º
Medo da morte	3º

**Tabela 30: Polícia**

Indicadores	Ordem de Importância
Educação	1º
Estrutura familiar	2º
Vontade própria	3º

### 3.6. Fatores responsáveis pela contratação de crianças no narcotráfico

*“Quando a situação aperta, eles pedem menos dinheiro. Sabem que o garoto será preso hoje e libertado amanhã. Fora isso, os garotos são disponíveis, não têm medo de nada, e fazem tudo o que eles mandam”*

WILLIAM, 27 ANOS, GERENTE GERAL DE PONTO-DE-VENDA, PRAIA DE RAMOS, MARÉ.

**Tabela 31: Jovens maiores de 18 anos envolvidos no narcotráfico**

Indicadores	Ordem de Importância	Quantidade
Condição legal do menor de 18 anos	1º	7
Destemor	2º	6
Obediência	3º	5

**Tabela 32: Membros da família**

Indicadores	Ordem de Importância
Condição legal do menor de 18 anos	1º
Maior obediência	2º

**Tabela 33: Trabalhadores e líderes comunitários**

Indicadores	Ordem de Importância
Mais influenciável	1º
Facilidade de contato com o tráfico	2º
Condição legal do menor de 18 anos	3º

**Tabela 34: Técnicos de Instituições Judiciárias**

Indicadores	Ordem de Importância
Mais influenciável	1º
Problemas na aplicação das leis	2º
Excesso de oferta	3º

**Tabela 35: Crianças que não usam drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Condição legal do menor de 18 anos	1º
Obediência	2º
Destemor	3º

**Tabela 36: Crianças que usam drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Condição legal do menor de 18 anos	1º
Excesso de oferta	2º
Idade não importa	3º

**Tabela 37: Polícia**

Indicadores	Ordem de Importância
Condição legal do menor	1º

A situação legal de menor - menor de 18 anos de idade - foi a variável mais valorizada com fator explicativo para contratação das crianças. Somente no grupo de técnicos de instituições judiciárias a variável não apareceu, provavelmente devido aos receios de que colocar esta questão em discussão pode contribuir para a diminuição da idade na qual um menor pode enfrentar a justiça na condição de adulto.



Somente no crime as crianças menores de 18 anos têm oportunidades de “emprego” quase iguais, mesmo quando comparadas com adultos. O salário é definido mais pela ocupação do que pela idade, e a ascensão na hierarquia tem pouco a ver com os atributos cronológicos. O uso de menores na atividade mantém os custos mais baixos do que se adultos participassem em seu lugar, particularmente quando ocorrem prisões. Uma vez que o tempo de prisão dos menores é mais curto, o apoio ao trabalhador “inativo” demanda um menor custo.

A definição de uma idade apropriada na qual uma criança pode ser levada à justiça como um adulto foi um avanço significativo no estabelecimento dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil. Os limites da lei estabeleceram essa idade - 18 anos - e a carência de instrumentos para deter o crescimento dos crimes cometidos pelas crianças e adolescentes. Uma vez que a lei é baseada em atributos cronológicos, existe uma forte limitação na capacidade do sistema legal reconhecer o ato criminoso e o perfil do criminoso.

Hoje, o risco para este sistema é que, devido à dificuldade óbvia de mostrar porque um jovem com 17 anos, onze meses e 29 dias de idade deve ser tratado de forma diferente de um jovem com 18 anos e um dia de idade, cresce o movimento de alguns grupos que buscam diminuir o limite de idade na qual uma criança pode ser processada como um adulto. A única forma de deter estes esforços é demonstrar com dados consistentes a eficiência de políticas públicas elaboradas para tratar deste grupo-alvo e de ampliar os esforços que tiveram sucesso no empenho de manter as crianças e os jovens menores de 18 anos fora do crime.

Outras duas variáveis são consideradas importantes na preferência pelas crianças. Estes são, em primeiro lugar, a irresponsabilidade à qual este grupo etário está propenso mesmo quando enfrentando a força policial e as gangues rivais e, em segundo lugar, sua obediência, executando quaisquer ordens dadas por superiores. É um fato de que as crianças têm menos responsabilidades do que os que são pais, por exemplo, fato que pode inibir a vontade do “soldado” em fazer parte de conflitos armados.

O combate é entendido como um tipo de jogo e a excitação envolvida é geralmente mais forte do que o receio de ser machucado, ferido ou morto em ação. Da mesma forma, o desejo de pertencer à gangue e de ser altamente considerado por seus membros confere às crianças uma forte vontade de obedecer ordens e regras de seus superiores. Tendem a não questionar comandos, garantindo assim o negócio para gerentes e proprietários. É também importante salientar que as pessoas encarregadas de contratar os trabalhadores no tráfico são os gerentes de preço. Os proprietários e os gerentes gerais promovem empregados e determinam suas atribuições e ocupações. Crescer na organização não é determinado pela lógica burocrática, conforme proposto por Weber. A ação pessoal e a vontade dos superiores são as linhas definidoras para subir na hierarquia. Assim, os trabalhadores nesta linha de atividade são particularmente estimulados a se manterem ao lado de seus chefes e ganhar sua admiração.

### 3.7. Razões pelas quais as crianças permanecem no narcotráfico

*“Se eu deixar esta vida, os tiras não vão acreditar, eles vão me caçar, forçar-me a suborná-los, e vou terminar preso ou “na vala”. As pessoas querem largar mas não podem, têm medo”*

PEDRO, VILA PINHEIROS, 17 ANOS, MARÉ.

*“Se eu encontrar um emprego como o seu, sem fazer nada, só fazendo perguntas, ganhando metade do que eu consigo hoje, eu largaria este emprego na hora. Abandonei a escola na quinta série; nunca conseguirei nada como isso”*

ZAIRA, 21 ANOS, NOVA HOLANDA, MARÉ.

**Tabela 38: Crianças empregadas no narcotráfico**

Indicadores	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Medo da ação dos policiais e dos grupos rivais	27,50%	40%	15
Identidade com o grupo	25,00%	10%	11
Dinheiro e a possibilidade de consumo	17,50%	10%	8
Prestígio e poder	17,50%	-	7
Adrenalina	10,00%	-	4
Dificuldade de encontrar emprego com a mesma oferta de remuneração	2,50%	40%	5

### 3.8. Vantagens comparativas no narcotráfico

*“Marcus tinha apoio, foi à escola, fazia parte de um grupo de dança, ganhava dinheiro, viu lugares novos, tinha todo o apoio. Mas escolheu esta vida. Só pensava em armas, em entrar no tráfico”*

ROSÁRIA, MÃE DE MARCUS, 14 ANOS, MORRO DO TIMBAU, MARÉ.

**Tabela 39: Crianças e jovens maiores de 18 anos**

Indicadores	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Possuir dinheiro	57,5%	70%	30
Adrenalina	52,5%	30%	24
Prestígio e poder	47,5%	40%	23
Identidade como o grupo	27,5%	-	11
Uso de drogas	2,5%	-	1
Ajudar a comunidade	-	10%	1

O poder de compra é entendido como a exterioridade mais positiva de estar envolvido no narcotráfico. Extremamente importante na atração de crianças para a atividade, a valorização deste fator aumenta com o tempo, uma vez que os mais jovens acumulam gradativamente responsabilidades e se acostumam com níveis elevados de consumo. Dinheiro, também, é um instrumento importante na garantia da liberdade, principalmente quando se está com risco de ser preso; subornos e extorsão são práticas comuns na força policial.

A tabela a seguir apresenta os principais receios dos trabalhadores nesta atividade ilícita e evidencia como o dinheiro é crucial para eles. Existe uma relação direta e proporcional entre a idade e o receio da extorsão da polícia. A extorsão impede a acumulação e torna o abandono do tráfico mais difícil. Apesar da preocupação causada por esta prática comum da força policial, ela é entendida como uma parte das regras do jogo. Efetivamente, os empregados no tráfico reconhecem que a polícia tem o “direito” de pressionar seu negócio, uma vez que a alternativa é a prisão. Por outro lado, a violência gratuita não é tolerada; a questão é séria o bastante para justificar retaliação.

### 3.9. Principais receios no narcotráfico

**Tabela 40: Crianças**

Indicadores	Menores de 18	Maiores de 18	Quantidade
Risco de vida	35,0%	30%	17
Extorsão da polícia	30,0%	40%	16
Risco de ser preso	20,0%	20%	10
Viver sempre ligado - <i>Stress</i>	15,0%	20%	8
Discriminação	7,5%	30%	6
Traição na facção	7,5%	30%	6
Matar um amigo da facção	5,0%	20%	4
Ficar deficiente físico	2,5%	-	1
Trocar tiros com a polícia	2,5%	-	1
Não encontrar emprego	-	10%	1

### 3.10. Razões que poderiam ajudar as crianças a abandonar o narcotráfico

**Tabela 41: Crianças**

Indicadores	Ordem de Importância	Quantidade
Ganhar muito dinheiro	1º	20
Conseguir uma namorada bem legal	2º	10
Um bom emprego com a mesma remuneração	3º	9
Não há possibilidade de sair do narcotráfico	4º	8
Constituir uma família	5º	7
Ser preso	6º	5
Tornar-se um jogador de futebol; força de vontade	7º	3

**Tabela 42: Jovens maiores de 18 anos envolvidos no narcotráfico**

Indicadores	Ordem de Importância	Quantidade
Ganhar muito dinheiro	1º	8
Um bom emprego com a mesma remuneração	2º	4
Mudar de estado ou para municípios distantes	3º	3
Conseguir uma namorada bem legal	4º	2
Constituir uma família; morte	5º	1

**Tabela 43: Membros da Família**

Indicadores	Ordem de importância
Um emprego decente com boa remuneração	1º

**Tabela 44: Trabalhadores e líderes comunitários**

Indicadores	Ordem de Importância
Políticas públicas (empregos, projetos culturais e educacionais)	1º
Maior responsabilidade familiar, polícia não-corrupta	2º
Ganhar muito dinheiro	3º

**Tabela 45: Técnicos de Instituições Judiciárias**

Indicadores	Ordem de Importância
Políticas públicas (empregos, projetos culturais e educacionais)	1º
Bons empregos e remuneração para crianças e suas famílias	2º
Apoio familiar, acompanhamento psicológico e da saúde em geral, orientação em relação ao uso de drogas (mídia e família), sistema mais eficiente de repressão à entrada de drogas no país	3º

**Tabela 46: Polícia**

Indicadores	Ordem de Importância
Políticas públicas (programas educacionais e de lazer)	1º
Maior ação repressiva	2º

**Tabela 47: Crianças usuárias de drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Políticas públicas (treinamento, educação, emprego e programas culturais)	1º
Bons empregos e boa remuneração para os familiares	2º
Programas esportivos e de lazer	3º

**Tabela 48: Crianças e jovens maiores de 18 anos não usuários de drogas**

Indicadores	Ordem de Importância
Políticas públicas (empregos, programas culturais e educacionais)	1º
Bons empregos e salários para os familiares, orientação em relação ao uso de drogas (mídia e família)	2º
Repressão ao uso de drogas	3º

Com respeito a alternativas que amenizem a dificuldade de abandonar a rede de narcotráfico, mais uma vez há uma diferença de opinião. As crianças e os jovens maiores de 18 anos envolvidos no tráfico, juntamente com suas famílias, entendem que as soluções pessoais formam as alternativas mais importantes. Economizar uma quantia de dinheiro significativa, suficiente para iniciar um negócio legítimo, de preferência em outro Estado, está muito presente na imaginação dos entrevistados. Os membros da família valorizam a importância de emprego, com remuneração similar à que eles recebem no tráfico. O problema é que as práticas de rotina na gestão da renda não contribuem para a economia, nem os

“acidentes de trabalho” - como a extorsão e prisões policiais. Este é um ciclo vicioso difícil de se quebrar. As possibilidades de encontrar um emprego bom e decente são escassas, uma vez que a maioria dos trabalhadores possui pouca escolaridade e não estão qualificados para qualquer outra ocupação, sem mencionar a dificuldade do mercado face ao empregado ex-traficante de drogas.

A crença romântica de que a saída pode se dar pelo encontro de uma parceira honesta, que gosta do traficante de drogas mais do que de seu poder de compra, é comum entre os adolescentes no narcotráfico. Esta noção tende a desaparecer, pelo menos para os do sexo masculino, mesmo na hipótese de encontrar-se uma parceira ideal. O casamento vem com os ônus econômicos que diminuem ainda mais as chances de encontrar possibilidades profissionais alternativas. O apoio da parceira, entretanto, não pode ser rejeitado, devido à sua importância por ocasião da prisão. Neste caso, a importância da família aumenta significativamente e novas alternativas para o tráfico tendem a aparecer, uma vez que o trabalhador está fora da rotina do traficante e devido às condições precárias na prisão. Isso ocorre quando o prisioneiro tem uma família estruturada, que o apóia e lhe apresenta alternativas profissionais e logísticas. Na maioria dos casos, entretanto, a prisão aumenta a dependência do indivíduo no esquema de drogas e aumenta sua sensação de pertencimento ao grupo.

A importância de ações estruturais na redução do universo de crianças interessadas em ingressarem no narcotráfico é considerada mais importante do que as alternativas individuais em todos os outros grupos pesquisados. O investimento em políticas públicas, particularmente em educação, atividades de lazer e em programas de emprego e de geração de renda, são as alternativas mais valorizadas.

É importante salientar que o universo de crianças e jovens maiores de 18 anos empregados no narcotráfico é uma pequena porcentagem da população total destes grupos etários, mesmo em comunidades de baixa renda. O suprimento de produtos culturais, educacionais e de lazer, entre outros, é crucial na melhoria das vidas de grupos sociais em circunstâncias de desvantagem econômica. Não obstante, a motivação para ingressar no tráfico é bem mais complexa, e não pode ser reduzida às ausências de oportunidades profissionais e de políticas públicas.

As alternativas propostas, na realidade, sustentam o que pode ser chamado de paradigma de ausência que compreende as comunidades populares pelo que pretensamente lhes falta. O conceito é também usado no entendimento da força de trabalho do tráfico. O comércio ilícito de drogas é uma forma de distinção, de aquisição de benefícios pessoais que seria mais difícil por trabalhadores de baixa renda em outras áreas profissionais e sociais, e que apresentam desafios que quebram a rotina diária. As políticas para enfrentar o problema devem, por conseguinte, atacar a questão de frente e diretamente, devem ser amplas e profundas em seu alcance. A agenda discutida no *workshop*, a seguir apresentado, acompanha estas linhas.

## 4. Conclusões e Recomendação de Política

### 4.1. Descrição do *workshop*

Uma das principais atividades desta investigação rápida foi um *workshop* que reuniu pesquisadores especialistas em violência, trabalho infantil e jovens sob risco social. O evento, promovido pelo Instituto de Estudos Trabalho e Sociedade - IETS ocorreu em 14 de setembro de 2001, na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro - FIRJAN.

Este fórum buscou uma troca de conhecimentos e uma possível produção de novas propostas de políticas públicas para contribuir para o melhor tratamento da questão das crianças envolvidas no narcotráfico. Um pequeno número de especialistas foi convidado de forma a garantir a discussão de uma agenda relevante em detalhes. A maioria dos participantes recebeu um relatório preliminar e com a solicitação de comentar sobre os resultados. Participaram do evento:

- Dr. Pedro Américo Furtado de Oliveira - OIT/IPEC - Brasil
- Dra. Elizabeth Leeds - Consultora de Projeto da *Ford Foundation* - Brasil
- Dr. Rubem César Fernandes - Diretor-Executivo do Movimento Viva Rio - ONG
- Dr. Guaracy de Campos Vianna - Juiz da 2ª VIJ - Rio de Janeiro
- Dr. Ignácio Cano - Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro
- Dra. Leonarda Musumeci - Professora do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Dr. Jorge Luiz Barbosa - Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense
- Luke Dowdney - Coordenador do Programa "Crianças em Conflito Armado", com ligações fortes com o Movimento Viva Rio - ONG
- Alda Carvalho Teixeira e Érika Piedade dos Santos - Programa de Apadrinhamento Sócio-Educativo - PASE - da 2ª Vara da Infância e Juventude
- Rosângela Rocha Peçanha - Centro de estudos e pesquisa da 2ª VIJ
- Dr. Ricardo Henriques - Pesquisador do IPEA e Secretário-Executivo do IETS
- Manuel Thedim - Gerente-Coordenador do IETS
- Wellem Lyrio; Fernando Lannes; Cláudio Severino; Thiago Fragoso; Anita de Oliveira e Letícia de Albuquerque - Pesquisadores do Observatório Social de Favelas do IETS
- Elsa Aleixo de Sousa e Elionalva Sousa Silva - pesquisadoras do projeto "As piores formas de trabalho infantil" - crianças empregadas no tráfico de drogas no Rio de Janeiro
- Dr. Jailson de Souza e Silva e Dr. André Urani - Coordenadores da pesquisa



O Secretário-Executivo do IETS, Ricardo Henriques, coordenou o *workshop*. Abriu a reunião apresentando as metas, ação e estrutura do IETS. Após sua breve apresentação, foi dada a palavra ao representante da Organização Internacional de Trabalho (OIT) - Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (*International Programme on the Elimination of Child Labour - IPEC*), Dr. Pedro Américo Furtado de Oliveira, que apresentou as políticas da OIT voltadas para a erradicação do trabalho infantil. Apresentou ainda a pesquisa que o IETS realizou no Rio de Janeiro dentro da estrutura internacional dos estudos da OIT sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (PFTI). O projeto da OIT investigou situações das PFTI em 19 países e uma área fronteiriça. Encerrou sua apresentação enfatizando a importância da sociedade civil brasileira ao abraçar a luta para superar a situação.

Em seguida, o Dr. André Urani apresentou os dados sobre o mercado de trabalho infantil e juvenil para o Rio de Janeiro<sup>15</sup>. Abordou a diminuição da taxa de participação de adolescentes entre 15 e 17 anos no mercado de trabalho do Rio de Janeiro. A participação destes grupos etários no mercado formal de trabalho caiu de 25% para menos de 12% durante os últimos anos. Entretanto, nas favelas alcançou 23%<sup>16</sup>.

Trinta por cento dos adolescentes nas comunidades investigadas não estão na escola. Esta média é muito mais alta do que na área metropolitana do Rio de Janeiro. Os residentes de favelas que concluem o ensino intermediário ganham em média menos do que ganham os que concluem o ensino básico na área metropolitana como um todo. Da mesma forma, os que têm nível superior das favelas ganham menos da metade do que uma pessoa com nível superior ganha em média na área metropolitana. Isso pode ser explicado por diversos fatores: o estigma social atribuído a residentes de favelas; a falta de *capital social*, conforme proposto por Pierre Bourdieu; e a qualidade inadequada de ensino nestas áreas. Essas são apenas três das muitas possibilidades.

Trinta e cinco por cento dos adolescentes em favelas nem trabalham nem estudam; muitas são mães adolescentes, que têm que cuidar de seus filhos. Vinte e dois por cento da população masculina neste grupo etário estão sujeitos às mesmas circunstâncias. Esta população serve, de certa forma, como um exército de reserva para o narcotráfico. Assim, o tráfico tem até mesmo a possibilidade de seleção, devido à superoferta, escolhendo os indivíduos que obedecem mais às regras estabelecidas pelo grupo.

Após a exposição do Dr. Urani, o Dr. Guaracy Vianna, juiz da 2ª Vara da Infância e Juventude - VIJ, recebeu a palavra. Apresentou sua experiência em uma das varas do judiciário responsável por regular os crimes e contravenções cometidos por menores no Rio de Janeiro, das quais ele é responsável.

A 2ª VIJ forneceu dados valiosos para a pesquisa. Muitas das informações apresentadas pelo Dr. Guaracy estão, portanto, incorporadas no relatório. Seu reconhecimento do aumento dos crimes e contravenções cometidos por crianças e adolescentes, particularmente da camada da classe média, deve ser salientado. Para ilustrar a magnitude do problema, o Dr. Guaracy declarou que, nos últimos cinco anos, sua vara regulou mais de 23.000 casos, dos quais 3.000 ainda estão para ser concluídos e 6.000 não foram acompanhados por quaisquer medidas legais.

<sup>15</sup> O trabalho constitui o primeiro item do relatório.

<sup>16</sup> Pesquisa realizada pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas em 52 comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro.

Existe uma multiplicidade de veredictos, desde uma simples advertência até três anos de prisão. Ele considera que em torno de 50% dos condenados se recuperam. A maioria dos transgressores menores trabalha no narcotráfico. De acordo com o Dr. Guaracy, eles ingressam e permanecem nesta atividade ilícita devido à dificuldade de encontrarem um lugar no mercado formal de trabalho; isso seria principalmente verdadeiro para os maiores de 14 anos.

O Dr. Jailson de Souza e Silva, que coordenou a pesquisa e preparou a maior parte do texto, apresentou o relatório preliminar, após a intervenção do juiz. A apresentação foi breve, porquanto o relatório tinha sido anteriormente enviado aos convidados. Ele apresentou o perfil das crianças empregadas pelo narcotráfico e comparou-o com o perfil de jovens maiores de 18 anos na mesma atividade. Apresentou ainda o ponto de vista dos outros entrevistados com relação aos motivos pelos quais as crianças ingressam no narcotráfico e as alternativas para impedi-las de ingressar, ou ajudá-las a abandonar a atividade.

A palavra foi então dada aos outros participantes do encontro. Luke Dowdney – Coordenador do programa “Crianças em Conflito Armado”, falou sobre sua experiência com crianças sob risco social da favela da Maré. Expressou seu endosso ao relatório e apresentou o diagnóstico como estando de acordo com sua própria experiência. Declarou que as políticas públicas, combinando emprego e programas de renda, poderiam reduzir o interesse das crianças pelo tráfico. Para Dowdney, o emprego ideal para esta categoria social seria o que pudesse levar a um aumento no seu nível cultural e/ou educacional.

O Dr. Ignácio Cano, um pesquisador com vasta experiência no estudo da violência, também aprovou os resultados alcançados pela investigação. Afirmou a importância de se expandir seu universo, especialmente no que se refere a crianças e jovens maiores de 18 anos empregados no tráfico. Adicionalmente, ele acredita que seria extremamente valioso, para um melhor entendimento das práticas sociais dos empregados no tráfico, realizarem um estudo longitudinal dos entrevistados.

Quanto às propostas de política pública, o Dr. Cano apontou primordialmente a discriminação das drogas como um elemento a ser considerado no tratamento da questão. Esta estratégia permitiria que o problema fosse encarado em um nível diferente. Assim, a sociedade teria mais maneabilidade no trato com o problema das drogas ilícitas.

A principal proposta do Dr. Cano, entretanto, é a produção de políticas públicas direcionadas ao grupo-alvo, o que incluiria atividades destinadas a aumentar a cidadania e as políticas integradas, articuladas em um período de dez anos – no mínimo. A proposta poderia ser materializada por meio da expansão do programa de proteção à testemunha.

Concluindo, o Dr. Cano declarou que esse programa demandaria uma mudança de atitude da polícia do Rio de Janeiro. A instituição é marcada por uma tradição autoritária, a falta de comprometimento para com os direitos humanos e a corrupção.

A intervenção da Dra. Leonarda Musumeci foi marcada pela apresentação de propostas para enfrentar o trabalho infantil no tráfico. Elas são baseadas em três pontos:

- alternativas para evitar o ingresso de crianças no narcotráfico;
- alternativas para os que já trabalham no tráfico e desejam abandonar; e
- políticas para a redução dos danos, baseadas na legalização das drogas.

A Dra. Musumeci enfatizou a necessidade de analisar pontos levantados pela investigação e de criar políticas específicas para tratar deles. Entre outros, ela mencionou a cultura da violência, o papel da força policial e a ética da virilidade e do estímulo, os quais são todos intrínsecos à rotina do narcotráfico.

Com base na contribuição da Dra. Musumeci, o Dr. Urani afirmou que a estrutura social do Brasil contribui para transformar o narcotráfico em um ímã poderoso para os adolescentes das camadas de baixa renda, devido às suas vantagens econômicas. Políticas em longo prazo, portanto, são os principais elementos apropriados para tratar do trabalho infantil no narcotráfico. Como exemplo, mencionou a geração de renda para adultos e o investimento em educação, entre outras ações em territórios de baixa renda. Todas representam políticas que articulam a comunidade, as organizações comunitárias e os setores públicos e privados.

O Dr. Ricardo Henriques propôs políticas transversais que integram ações na área das políticas públicas, expansão das redes comunitárias e fortalecimento das relações entre as instituições, sejam elas acadêmicas, comunitárias, comerciais ou públicas.

A Dra. Elizabeth Leeds concluiu salientando a importância de definir investidas de intervenção precisas, com base nas quais os programas integrados devem ser formulados. Estes programas devem levar em consideração as condições ambientais que alimentam o tráfico, as subjetividades e particularidades dos residentes e incluir ação permanente para a força policial e suas ações nas favelas.

A Dra. Leeds fez menção à experiência da polícia de Boston, EUA, cuja principal estratégia do programa era reduzir os danos causados pelo tráfico. Seu enfoque estava centrado no controle de armas, obstrução das vendas de drogas para crianças e adolescentes, e fomentar seu emprego. A experiência teve um grande sucesso em seus primeiros anos. Entretanto, a falta de integração com outras políticas públicas tratando do mesmo grupo-alvo reduziu sua eficiência no tempo.

A representante da Ford Foundation traçou um paralelo entre a experiência de Boston e o trabalho que está sendo realizado pela Polícia do Rio de Janeiro - PMRJ em três favelas: Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Um grupo de policiamento comunitário foi criado para reduzir a ligação entre armas de fogo e narcotráfico. Os principais princípios de ação têm três fases:

- O uso de crianças no narcotráfico não é tolerado.
- A exposição a armas não é tolerada.
- Violência e corrupção pela polícia não são tolerados.

Em 18 meses de implementação política, não ocorreu nenhuma morte resultante de conflito armado nas comunidades. Nos seis meses antes da introdução do policiamento comunitário, 10 pessoas foram mortas a tiro. Quarenta por cento da força policial na área foram afastados devido ao uso de violência ou corrupção. O narcotráfico evita o uso de trabalho infantil e armas. As drogas estão sendo ainda confiscadas e seus portadores presos, mas esta não é a atividade central da polícia, voltada para a preservação da vida. A ação do grupo comunitário é limitada por esta restrição na área da favela e pela falta de integração com políticas de segurança fora de sua área.

O *workshop* recomendou, fundamentalmente, uma perspectiva global essencial na designação de políticas públicas voltadas para a redução do emprego de crianças e jovens maiores de 18 anos no narcotráfico - isto foi enfatizado pela maioria dos estudiosos e reiterado pela experiência norte-americana. As políticas devem articular um conjunto variado de organizações e instituições de diversas naturezas e perfis em níveis diferentes. O próximo passo na elaboração de políticas integradas pretendidas seria ampliar a investigação, desenvolvendo o campo de trabalho e sistematizando as experiências.

#### 4.2. Sistematização de recomendações de políticas

Os principais pontos sugeridos pelas pessoas entrevistadas e especialistas para enfrentar o problema foram os seguintes:

- Geração de renda e emprego para as famílias das crianças dos setores populares, com atenção especial para as famílias sob risco social.
- Investimento em educação e criação de instrumentos para proteção social relacionados à educação, como uma bolsa para as famílias pobres que mantenham seus filhos na escola, segurança social e políticas similares.
- Realização de ação integrada em espaços populares, provisão de produtos educacionais, culturais e de lazer, urbanização e geração de renda e emprego.
- Criação de medidas na área jurídica. Em particular, as drogas devem ser discriminadas, com ênfase na prevenção de drogas no lugar de repressão. Criação de uma polícia comunitária e ampliação dos instrumentos de proteção às testemunhas.

## Referências

- ABRAMOVAY, Mirian. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Brasília: Garamond, 1998.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Unesco, 1999.
- ALVITO, Marcos. Um bicho de sete cabeças In: ZALUAR, A. & ALVITO, M. (orgs.) *Um século de favelas*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- BISCAIA, Antônio Carlos, Entorpecentes: Aspectos Legais In BAPTISTA, Marcos e INEN, Clara (orgs.) *Toxicomania: uma abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Poder Simbólico*. Lisboa: Ed. Difel, 1994.
- BERQUIÓ, E. *Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas*. Brasília: CNPq, 1998.
- FIA/RJ. *Drogas: se eu quiser parar você me ajuda*. Petrópolis/RJ: Autores e Agentes Associados, 1997.
- GUIMARÃES, Eloísa. *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (et alli). *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*, UNESCO, 1999.
- \_\_\_\_\_. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência In BAPTISTA, Marcos e INEN, Clara (orgs.) *Toxicomania: uma abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ, 1997.
- MOREIRA, Marcelo Rasga. *Nem soldados, nem inocentes: jovens e tráfico de drogas no município do Rio de Janeiro, 2000*, 161 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde Pública), FIOCRUZ.
- ROSEMBERO, F. *Crianças e adolescentes em situação de risco: a violência banalizada*. São Paulo, 1992.
- SOUZA, Marcelo José, Lopes de. As drogas e a "questão urbana" no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de drogas. In: CASTRO, Iná Elias de et alli. *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ZALUAR, Alba (org.) *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

## Anexo 1: Entrevista com famílias de crianças que trabalham no narcotráfico

### Bloco I - identificação do Entrevistado

Pseudônimo:

Idade:

Cor:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Local de nascimento:

Se nasceu no Rio, bairro de nascimento:

Favela na qual reside:

Há quanto tempo mora na favela:

( ) menos de 1 ano;

( ) 1 -3 anos;

( ) 4 - 6 anos;

( ) 6 - 10 anos;

( ) mais de 10 anos.

Estado civil:

( ) Casado(a)

( ) solteiro(a)

( ) Viúvo(a)

( ) Outro:

Religião:

( ) nenhuma:

( ) Católica;

- Protestante;
- Pentecostal;
- Afro-brasileira;
- Outra.

Se o(a) entrevistado(a) não seguir uma religião, é membro ativo de sua comunidade.

- Sim;  Não.

Quantidade de filhos:

- nenhum;
- 1;
- Dois;
- Mais de dois.

## **Bloco II - Família**

Relação a criança:

origem da família:

Profissão:

Escolaridade:

Número de crianças na família:

Nível educacional e idade das crianças:

Profissão dos membros da família:

Bens da família:

- Propriedade na favela;
- Propriedade fora da favela;
- Telefone;
- Celular;
- Freezer;

- Ar condicionado;
- Computador;
- Impressora;
- Geladeira;
- Televisor;
- Aparelho de Som;
- Forno de microondas;
- Fogão;
- Ventilador elétrico;
- Videocassete;
- Lavadora de roupa;
- Vídeo game;
- Fax;
- Chuveiro elétrico.

Renda familiar:

Os membros da família lêem com frequência?

- Sim;  Não

O que lêem usualmente?

- Jornal;
- Ficção;
- A Bíblia;
- Livros de bolso;
- Outros.

Se a família lê jornal, quais são as publicações preferidas?

- O Globo
- Jornal do Brasil
- O Dia



- Extra
- Universal
- Outros.

Um membro da família pertence a qualquer uma das seguintes instituições?

- Igreja (Católica, Protestante, Pentecostal, culto Afro-Brasileiro, outra)
- Associação de vizinhança
- Sindicato ou associação de classe
- Grupos femininos;
- Partido Político;
- ONG
- Outras.

**Bloco III - Características Pessoais/ trajetória sócio-educacional da criança que trabalha no narcotráfico.**

Posição da criança entre seus irmãos:

- Mais velho(a);
- Filho(a) do meio;
- Mais novo (a).

A relação mais próxima é com:

- Mãe;
- Pai;
- Irmãos ou irmãs;
- parentes;
- Vizinhos.

A família considera a criança:

- Obediente;
- Calma;
- Agressiva;

- Estudiosa;
- Autoritária;
- Barulhenta;
- Agitada;
- Inteligente;
- Faladora;
- Envergonhada.

A criança foi , ou está, submetida a abuso físico em seu relacionamento com os pais, ou com pessoa(s) responsável(eis) por sua criação:

- Com muita frequência;
- Frequentemente;
- Não muito frequentemente;
- Raras vezes;
- Nunca.

Nível de escolaridade da criança:

Última série freqüentada:

Escolas freqüentadas:

A criança ainda está na escola?

- sim
- Não

Se a criança abandonou a escola, com que idade o fez?

Mencionar três aspectos positivos da escola, em ordem de importância:

- Amigos;
- Aprender coisas novas;
- Comida;
- Meninos/meninas;

professores;

Outros:

Mencionar dois aspectos negativos da escola, em ordem de importância:

Estudar;

Disciplina;

Incapacidade para aprender;

Ter que passar muito tempo sentado;

Não ver nenhum sentido nas matérias estudadas;

Outros:

Se a criança abandonou a escola, mencionar duas razões principais pelas quais ele, ou ela, o fizeram, em ordem de importância:

Não gostava de estudar;

Estudar não parecia indicar melhores perspectivas para o futuro;

Incapacidade para aprender;

Não gostava dos professores;

Precisava ganhar dinheiro para ajudar a família;

Queria ganhar dinheiro para comprar bens pessoais;

A família não incentivava;

Outras:

Preferências pessoais:

Música:

Funk;

Brasileira;

RAP;

Reggae;

Charme;

Hip-hop;

Forró;

Pagode;

Sertaneja;

romântica;

Religiosa;

Pop;

Axé;

Rock;

Outras:

Comida favorita:

Gênero de filme favorito:

- Comédia;
- Ação;
- Policial;
- Guerra;
- Drama;
- Romance;
- Ficção;
- Ficção científica;
- Desenho animado;
- Histórico;
- Outros.

Se um membro da família for viciado em drogas, mencionar com que frequência a usa e que substância é usada.

Partido político:

Político favorito:

Modelo de Papel Público:

Modelo de papel no círculo social:

Gênero do programa de TV favorito:

- Filmes;             Desenhos;         Novelas;
- Noticiários;       Talk shows;       Esportes;

#### **Bloco IV - Ocupação profissional da criança**

Idade da criança quando começou a trabalhar:

Ela colabora, ou colaborou, com a renda familiar?

- Sim;  Não

Em caso afirmativo, a colaboração é, ou foi:

- Essencial;
- Útil;
- Desnecessária.

Atividade(s) de trabalho passadas:

Atividade(s) de trabalho atual(is):

Há quanto tempo a criança está na atual atividade:

Carga horária:

Rotina de trabalho:

Meios de aquisição das aptidões de trabalho:

Quantidade de prisões:

Quantas vezes a criança foi institucionalizada:

Quantas vezes a criança foi ferida por armas de fogo ou facas:

A criança é viciada em drogas?

- Sim;  Não

Se a resposta anterior foi afirmativa, que substância a criança usa e com que frequência?:

Mencionar dois motivos que levaram a criança a trabalhar no narcotráfico, em ordem de importância:

- Ajudar a família;
- Ganhar um bom dinheiro;
- Prestígio;
- Sensação de poder;
- Afinidade com os amigos;
- Incapacidade para aprender;
- Abuso físico no lar;
- Dificuldade de encontrar outro emprego;
- Dificuldade de encontrar outro emprego com salário similar;

- Adrenalina*;
- Vontade de usar arma;
- Outros:

Mencionar três motivos para manter a criança no narcotráfico, em ordem de importância:

- Dinheiro;  Prestígio;  Sensação de poder;
- Afinidade com os amigos;
- Dificuldade em encontrar outros empregos;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Adrenalina*;
- Parece impossível mudar o estilo de vida.

Mencionar dois aspectos positivos em trabalhar nesta atividade, em ordem de importância:

- Dinheiro;  Prestígio;  Sensação de poder;
- Afinidade com os amigos;
- Adrenalina*;
- Outros.

Mencionar três fatores que podem contribuir para remover a criança do narcotráfico, em ordem de importância:

- Ganhar uma quantia significativa de dinheiro;
- Ser preso;
- Namorar uma pessoa decente;
- Conseguir um emprego formal;
- Parar de usar drogas;
- Outros.

Qual é o principal desejo da criança na vida?

**Bloco V - Identificação e avaliação do papel da criança no narcotráfico**

O número de crianças trabalhando no esquema de narcotráfico é:

Grande;  Médio;  Pequeno?

Qual é o percentual das crianças na comunidade envolvidas no narcotráfico:

Mencionar dois principais aspectos do comércio que atraem as crianças locais a ingressarem na atividade de narcotráfico, em ordem de importância:

Mencionar dois aspectos principais do comércio que impede as crianças de ingressarem na atividade de narcotráfico, em ordem de importância:

Quais são os dois principais motivos que levam os donos locais de drogas a contratar crianças?

O fato das crianças serem usadas como força de trabalho desperta que tipo de sensação no indivíduo:

- Incomoda muito;
- Incomoda;
- Incomoda pouco;
- Não incomoda nada.

Qual é a percepção do indivíduo sobre como a comunidade avalia o trabalho infantil no narcotráfico?

- Desaprova muito;
- Desaprova;
- Desaprova pouco;
- Não desaprovada nada.

Qual é a percepção do indivíduo sobre como as crianças e os adolescentes da comunidade vêm o narcotráfico?

Sugerir três medidas que podem contribuir para erradicar o trabalho infantil no narcotráfico, em ordem de importância.

## Anexo 2: Entrevista com crianças que trabalham no narcotráfico

### Bloco I - Identificação do Entrevistado

1. Pseudônimo:
2. Idade:
3. Cor:
  - ( ) Branca
  - ( ) Parda
  - ( ) Negra
4. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
5. Local de nascimento:
6. Favela na qual reside:
- 7.1. Já morou em outra comunidade antes?
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- 7.2. Comunidade (Favela) anterior na qual residiu:
8. Há quanto tempo mora na comunidade (Favela):
  - ( ) menos de 1 ano;
  - ( ) 1 -3 anos;
  - ( ) 4 - 6 anos;
  - ( ) 6 - 10 anos;
  - ( ) mais de 10 anos.



9. Estado civil:

- Solteiro
- Casado
- Viúvo

10. Mora com:

- Familiares
- Mãe
- Pai;
- Cônjuge;
- Amigos;
- Sozinho(a);
- Outros:

11. Religião:

- Nenhuma;
- Católica;
- Protestante;
- Pentecostal;
- Afro-Brasileira;
- Outra:

12. Filhos:

- Um;
- Dois;
- Três;
- Nenhum
- Mais de tres;

13. Freqüenta a escola?

- Sim
- Não - Pule a próxima pergunta

14. Qual foi o último ano que estudou\_\_\_\_\_?

- 1ª série
- 2ª série
- 3ª série
- 4ª série
- 5ª série
- 6ª série
- 7ª série
- 8ª série
- Analfabeto
- Ensino médio

15. Com qual idade deixou de estudar:

- 9 a 10 anos
- 11 a 12 anos
- 13 a 14 anos
- 15 a 16 anos
- 17 e mais
- Não sabe
- Ainda estuda

16. 1 Razão pela qual parou de estudar ( a mais importante):

- Não gostava de estudar
- Não conseguia aprender
- Não gostava dos professores
- Precisava ganhar dinheiro para ajudar a família
- Queria ganhar dinheiro para comprar as coisas de que gostava
- Família não estimulava
- Outra \_\_\_\_\_.

16.2 Razão pela qual parou de estudar (2ª mais importante):

- Não gostava de estudar

- Não conseguia aprender
- Não gostava dos professores
- Precisava ganhar dinheiro para ajudar a família
- Queria ganhar dinheiro para comprar as coisas de que gostava
- Família não estimulava
- Outra \_\_\_\_\_.

17. Renda dos Pais, ou da(s) pessoa(s) responsável(eis) pela criação:

- 1 Salário Mínimo (SM) ou menos:
- 1 - 2 SM
- 2 - 3 SM;
- 3 - 5 SM;
- 5 - 10 SM;
- Mais de 10 SM;
- Não sabe.

18. Membro da família com problemas de drogas:

- Pai
- Mãe;
- Irmão(irmã);
- Tio/tia; .
- Primos;
- Avós;
- Padrasto
- Madrasta
- Outros:
- Não sabe.

19 . O entrevistado é usuário de droga:

- Sim - passar para a próxima pergunta;
- Não - encerrar este bloco.

20. Começou a usar drogas:

Idade (numérica): \_\_\_\_\_

(Obs: Opção 1=Antes dos 10 anos de idade mas sem uma idade específica declarada)

21. Quais drogas o entrevistado já consumiu:

- Maconha;
- Cocaína;
- Cola;
- Anfetaminas;
- Haxixe
- Nenhum
- Álcool
- Outras:

22. Quais drogas o entrevistado consome:

- Maconha;
- Cocaína;
- Cola;
- Anfetaminas;
- Haxixe
- Nenhum
- Álcool
- Outras:

### **Bloco II - Condições de Trabalho**

23. Idade na qual começou a trabalhar no narcotráfico:

- 8 anos
- 9 anos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos

- ( ) 13 anos
- ( ) 14 anos
- ( ) 15 anos
- ( ) 16 anos
- ( ) 17 anos
- ( ) 18 anos
- ( ) 19 anos
- ( ) 20 anos
- ( ) 21 anos
- ( ) 22 anos
- ( ) 23 anos
- ( ) 24 anos
- ( ) 25 anos

24. O entrevistado ajuda nas despesas da família? ( ) Sim; ( ) Não.

25. 1 O entrevistado já trabalhou em qualquer outra linha de atividade:

( ) Sim; ( ) Não.

25.2 Trabalho anterior: \_\_\_\_\_

26.1 Posição ocupada:

- ( ) Vigia (olheiro)
- ( ) Embalador (endolador)
- ( ) Vendedor (vapor)
- ( ) Segurança (soldado)
- ( ) Gerente do produto
- ( ) Gerente geral
- ( ) Abastecedor (matuto)
- ( ) Mensageiro (avião)

26.2 Outra posição ocupada:

- Vigia (olheiro)
- Embalador ( endolador)
- Vendedor (vapor)
- Segurança (soldado)
- Gerente do produto
- Gerente geral
- Abastecedor (matuto)
- Mensageiro (avião)

27. O entrevistado já interrompeu seu trabalho no narcotráfico voluntariamente:

- Sim;  Não.

28. Quem levou o entrevistado para o narcotráfico:

- Amigo;
- Família;
- Namorado/namorada;
- Outros: \_\_\_\_\_

29. Carga horária diária:

- 8 horas;
- 8 - 10 horas;
- 10 - 12 horas;
- Mais de 12 horas.

30. Dias de descanso por semana:

- Um;
- Dois;
- Mais de dois;
- Outros.

## 31. Horário de trabalho:

- Até 8 horas consecutivas;
- Até 12 horas consecutivas;
- Até 18 horas consecutivas;
- até 24 horas consecutivas.
- Não tem horário fixo

## 32.1 Benefícios: Gratificação eventual;

- Sim
- Não

## 32.2 Benefícios: Refeições;

- Sim
- Não

## 32.3 Benefícios: Lanche;

- Sim
- Não

32.4 Benefícios: *Percentual* sobre as mercadorias vendidas

- Sim
- Não

## 32.5 Benefícios: Outros

- Sim
- Não

## 33. Renda:

- 2 Salários Mínimos (sm) ou menos;
- 2 - 4 sm;
- 4 - 6 sm;
- 6 - 8 sm;

- 8 - 10 sm;
- 10 -15 sm;
- Mais de 15 sm.

34. Renda Fixa: \_\_\_\_\_

35. Renda Variável: \_\_\_\_\_

36. Como foram adquiridas as aptidões de trabalho:

- Treinamento;
- Prática;
- Observação.

37. Quantas vezes foi preso pela polícia:

- 1;
- 2;
- 3;
- 4;
- 5 ou mais;
- Nenhuma

38. Quantas vezes foi internado em instituições públicas:

- 1;
- 2;
- 3;
- 4;
- 5 ou mais;
- Nenhuma

39. Quantas vezes enfrentou a força policial:

- 1;
- 2;



- 3;
- 4;
- 5 ou mais;
- Nenhuma

40. Quantas vezes enfrentou gangues rivais:

- 1;
- 2;
- 3;
- 4;
- 5 ou mais;
- Nenhuma

41. Quantas vezes foi ferido por armas ou facas:

- 1;
- 2;
- 3;
- 4;
- 5 ou mais;
- Nenhuma

42. Quantas mortes o entrevistado causou com o uso de armas ou facas:

- 1;
- 2;
- 3;
- 4;
- 5 ou mais;
- Nenhuma

43. 1 Mencione duas razões que levaram o entrevistado a trabalhar no narcotráfico, em ordem de importância:

- Ajudar a família;

- Ganhar um bom dinheiro;
- Prestígio;
- Sensação de poder;
- Afinidade com os amigos;
- Adrenalina
- Abuso físico em casa;
- Dificuldade em encontrar outros empregos;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Incapacidade para aprender;
- Desejo de usar uma arma;
- Outros: \_\_\_\_\_

43.2 Mencione duas razões que levaram o entrevistado a trabalhar no narcotráfico, em ordem de importância:

- Ajudar a família;
- Ganhar um bom dinheiro;
- Prestígio;
- Sensação de poder;
- Afinidade com os amigos;
- Adrenalina
- Abuso físico em casa;
- Dificuldade em encontrar outros empregos;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Incapacidade para aprender;
- Desejo de usar uma arma;
- Outros: \_\_\_\_\_

44.1 Mencionar motivo para manter a criança no narcotráfico (mais importante):

- Dinheiro;
- Prestígio e poder;
- Dificuldade em encontrar outros empregos;
- Adrenalina;

- Afinidade com os amigos;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Impossibilidade de mudar de estilo de vida;
- Polícia;
- Grupos rivais;
- Esposa;
- Outros. \_\_\_\_\_

44.2 Mencionar motivo para manter a criança no narcotráfico (2ª mais importante):

- Dinheiro;
- Prestígio e poder;
- Dificuldade em encontrar outros empregos;
- Adrenalina;
- Afinidade com os amigos;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Impossibilidade de mudar de estilo de vida;
- Polícia;
- Grupos rivais;
- Esposa;
- Outros. \_\_\_\_\_

45.1. Mencionar aspectos positivos em trabalhar nesta atividade (mais importante):

- Dinheiro;
- Prestígio e poder;
- Adrenalina*;
- Afinidade com os amigos;
- Outros.

45.2. Mencionar aspectos positivos em trabalhar nesta atividade (2ª mais importante):

- Dinheiro;
- Prestígio e poder;
- Adrenalina*;

- Afinidade com os amigos;
- Outros.

46.1. Mencionar os piores aspectos de trabalhar nesta atividade (mais importante):

- O trabalho é uma ameaça à vida;
- Discriminação;
- Tem que estar sempre *ligado*;
- Repressão policial;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Risco de ser preso;
- Outros: \_\_\_\_\_

46.2. Mencionar os piores aspectos de trabalhar nesta atividade (2ª mais importante):

- O trabalho é uma ameaça à vida;
- Discriminação;
- Tem que estar sempre *ligado*;
- Repressão policial;
- Dificuldade em encontrar outros empregos com salário similar;
- Risco de ser preso;
- Outros: \_\_\_\_\_

47.1 Mencionar fator que podem contribuir para remover a criança do narcotráfico (mais importante):

- Ganhar uma quantia significativa de dinheiro;
- Namorar uma pessoa decente;
- Ser preso;
- Conseguir um emprego formal;
- Parar de usar drogas;
- Não pensa nessa possibilidade;
- Outros: \_\_\_\_\_

47.2 Mencionar fator que podem contribuir para remover a criança do narcotráfico (2ª mais importante):

- Ganhar uma quantia significativa de dinheiro;
- Namorar uma pessoa decente;

- Ser preso;
- Conseguir um emprego formal;
- Parar de usar drogas;
- Não pensa nessa possibilidade;
- Outros: \_\_\_\_\_

48. Quais são os principais motivos pelas mortes no narcotráfico:

- Guerra de gangues;
- Polícia;
- Errar na própria gangue;
- Vontade de Deus;
- Falta de sorte.

49. Quantidade de pessoas que o entrevistado viu serem mortas desde que entrou para o negócio:

- 1 - 5;
- 6 - 10;
- 10 - 20;
- Mais de 20.

50. Dos que foram mortos, quantos tinham menos de 18 anos de idade:

- Todos;
- Quase todos;
- A maioria;
- Poucos;
- nenhum.

51. Quantas pessoas com menos de 18 anos de idade trabalham no narcotráfico local:

\_\_\_\_\_

52. Nível de satisfação com o atual estilo de vida:

- Alto;
- Médio;

- Baixo;
- Nenhum.

53. O que é mais importante na vida:

- Família;
- Amigos;
- Dinheiro;
- Poder e Prestígio;
- Deus

54. Os objetos mais desejados:

- Boa casa;
- Carro luxuoso;
- Roupas de marca;
- Sapatos esportivos de marca;
- Outros: \_\_\_\_\_

55. Quais são os dois maiores desejos dos entrevistados na vida:

\_\_\_\_\_;

\_\_\_\_\_.

Observações do Entrevistador:

## Anexo 3: Entrevista com profissionais, residentes e líderes das favelas

### Bloco I - Identificação do Entrevistado

1. Nome:
2. Idade:
3. Cor:
4. Sexo: ( ) Masculino; ( ) Feminino.
5. Local de nascimento:
6. No caso de ter nascido no Rio de Janeiro, bairro/localidade de nascimento:
  
7. Favela de residência:
  
8. No caso de residente em uma favela, anos de residência na favela:  
( ) Menos de 1 ano;  
( ) 1 - 3 anos;  
( ) 4 - 6 anos;  
( ) 6 - 10 anos;  
( ) Mais de 10 anos.
  
9. Último ano que freqüentou a escola:
  
10. Profissão:
  
11. Atividades desenvolvidas na comunidade:

12. Estado civil:

- Casado(a);
- Solteiro(a);
- Viúvo/viúva;
- Outro:

13. Religião:

- Nenhuma;
- Católica;
- Protestante;
- Pentecostal;
- Afro-Brasileira;
- Outra:

14. Se for religiosamente afiliado, onde o indivíduo pratica.

### **Bloco II - identificação e avaliação do envolvimento das crianças no narcotráfico**

1. O número de crianças trabalhando no esquema local de narcotráfico é:

- Grande;  Médio;  Pequeno?

2. Índice e número de crianças envolvidas:

3. Dois principais fatores que levam as crianças a trabalhar no narcotráfico, em ordem de importância:

- 1. \_\_\_\_\_
- 2. \_\_\_\_\_

4. Dois principais fatores mantendo as crianças trabalhando no narcotráfico, em ordem de importância:

- 1. \_\_\_\_\_
- 2. \_\_\_\_\_



5. O motivo mais importante do narcotráfico usar a mão de obra infantil:

\_\_\_\_\_

6. O uso de mão de obra infantil pelo narcotráfico dá ao entrevistado a seguinte sensação:

- grande inquietação
- inquietação
- pouca inquietação
- nenhuma inquietação

7. A percepção do entrevistado sobre a opinião da grande maioria da população da favela sobre o envolvimento das crianças no narcotráfico.

- alto nível de desaprovação
- desaprovação
- baixo nível de desaprovação
- não desaprova

8. Percepção do entrevistado da visão da maioria das crianças e adolescentes na favela sobre o narcotráfico:

\_\_\_\_\_

9. Indicar duas características das crianças envolvidas no narcotráfico

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

10. Indicar três medidas que poderiam contribuir para erradicar o envolvimento de crianças no narcotráfico, em ordem de importância.

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_



